



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Pertencer a um bairro num contexto de turistificação: Um estudo sobre a vinculação ao lugar e as relações intergrupais entre residentes tradicionais e migrantes da Mouraria

Maria Alba

Mestrado em Psicologia Social e das Organizações

Orientadora:

Susana Batel, PhD, Investigadora Auxiliar,
CIS-ISCTE, ISCTE-IUL

Novembro, 2022

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Pertencer a um bairro num contexto de turistificação: Um estudo sobre a vinculação ao lugar e as relações intergrupais entre residentes tradicionais e migrantes da Mouraria

Maria Alba

Mestrado em Psicologia Social e das Organizações

Orientadora:

Susana Batel, PhD, Investigadora Auxiliar,
CIS-ISCTE, ISCTE-IUL

Novembro, 2022

Aos meus muitos lugares

Agradecimento

Esta secção da minha dissertação é de todas as pessoas que, à sua maneira e de formas tão bonitas e peculiares, fizeram esta viagem comigo.

Quero agradecer à professora Susana Batel por muitas coisas: por ter construído este projeto comigo, pela sua disponibilidade constante, por todas as reuniões que tivemos e das quais saí sempre mais tranquila e com vontade de ir ler mais um bocadinho, por despertar a minha curiosidade e me fazer pensar, por todos os estudos que me apresentou, e por ter acreditado sempre neste trabalho. Muito obrigada.

Quero agradecer à minha família, que me tem acompanhado ao longo deste percurso, mas com um carinho muito especial ao meu avô António. Obrigada. E também às minhas avós, à tia Sãozinha e aos meus pais por me terem apoiado tanto nesta fase, como de resto têm feito sempre.

Quero agradecer aos meus amigos: aos meus companheiros de estudo, às amigas da faculdade, àqueles que não estão em Lisboa, mas que acompanham à distância e vão mandando músicas (Maggie!). A todos os meus amigos, no fundo - ainda que não possa escrever este texto sem destacar o Vicente (pelos passeios e conversas no jardim), a Ana (por tanta força no final!), e o João Pereira de Matos (pelas manhãs de estudo que deram forma a esta ideia).

Ao Diogo, que não vem em último por ser menos importante, mas sim por ter feito um bocadinho de todas estas coisas, e muito mais. Obrigada.

E também a todos/as os/as participantes deste estudo e à comunidade da Mouraria por me receber sempre tão bem e me fazer ter orgulho em ser lisboeta; e à Renovar por me ter dado a conhecer este lugar.

Resumo

O aumento das práticas de mobilidade nas últimas décadas facilitou a circulação de pessoas com impactos tanto para quem se move como para os espaços sociais e geográficos envolvidos. A processos de mobilidade longa em busca de melhores condições de vida, têm-se adicionado processos de mobilidade curta, como em algumas cidades do sul da Europa que têm sido alvo de processos de turistificação. Esta investigação pretendeu explorar a vinculação ao lugar e as dinâmicas intergrupais de residentes migrantes e ‘tradicionais’ da Mouraria, em Lisboa, e o impacto da turistificação nessas relações. Através de entrevistas em movimento a residentes ‘tradicionais’ e migrantes ($n = 20$), concluímos que a maioria dos migrantes entrevistados desenvolveu uma vinculação ao lugar do estilo tradicional-ativo, promovida pela proximidade cultural que o bairro oferece, e associada a práticas que visam o bem-estar da comunidade do bairro. Por outro lado, a essencialização da vida social da Mouraria, caracterizada pelo ‘bairrismo’, implicou-se na aceitação condicional de novos residentes por parte de participantes ‘tradicionais’ que, face às mudanças resultantes da turistificação, procuram manter este estilo de vida de proximidade. Finalmente, consequências da turistificação ao nível da habitação e das dinâmicas sociais promoveram um sentido de destino comum em participantes dos dois grupos, associado a injustiças sociais estruturais. Esta investigação permitiu considerar processos de mobilidade de curta e longa duração em conjunto, contribuindo assim para a literatura da Psicologia Ambiental e Comunitária, e apresentando implicações práticas para a comunidade da Mouraria.

Palavras-chave: vinculação ao lugar, migrantes, relações intergrupais, comunidade, turistificação, Mouraria

Códigos PsycINFO:

2960 Processos Políticos & Questões Políticas

4050 Planeamento Comunitário & Ambiental

Abstract

The increase in mobility practices in the last decades facilitated the circulation of people with consequences for those who move and for the social and geographical spaces involved. Besides processes of long mobility to search for better living conditions, some cities in southern Europe also started to participate in short mobility processes, such as with touristification. In this research, we examined place attachments and intergroup dynamics of migrant and ‘traditional’ Mouraria residents, in Lisbon, and the consequences of touristification on those. Through walking interviews with 'traditional' residents and migrants ($n = 20$), we concluded that most of the interviewed migrants developed a traditional-active place attachment, promoted by cultural proximity, and associated with practices that envision the well-being of the neighbourhood community. On the other hand, the essentialization of Mouraria's social life, characterized by "bairrismo", was related to a conditional acceptance of new residents by ‘traditional’ participants who seek to maintain this lifestyle of proximity, given the resulting changes of touristification. Finally, consequences of touristification in terms of housing and social dynamics were associated with a sense of common faith in participants of both groups related to structural social injustices. This research considered short- and long-term mobility processes together, and through that contributed to the literature of Environmental and Community Psychology, while also presenting practical implications for the Mouraria community.

Keywords: place attachment, migrants, intergroup relations, community, touristification, Mouraria

PsycINFO codes:

2960 Political Processes & Political Issues

4050 Community & Environmental Planning

Índice

Agradecimento	iii
Resumo	v
Abstract	vii
Introdução	11
Capítulo I. Revisão de Literatura	15
1. Mobilidade e Relações Pessoa-Lugar	15
1.1. Paradigma da mobilidade nas ciências sociais	15
1.2. Vinculação ao lugar	16
2. Mudanças no Lugar: da Migração à Turistificação	23
2.1. Migração e relações intergrupais	23
2.2. Turistificação e respostas comunitárias a alterações no lugar	27
Capítulo II. Questões de Investigação e Objetivo	31
Capítulo III. Método	33
1. Contexto: Mouraria	33
2. Participantes	35
3. Instrumento e Procedimento de Recolha de Dados	37
4. Análise e Dados	38
Capítulo IV. Resultados	41
1. Trajetórias de Mobilidade	41
2. Residentes Migrantes	43
2.1. Fatores de proximidade cultural	43
2.2. Perceções sobre os residentes tradicionais	45
2.3. Participação ativa na comunidade local	47
3. Residentes Tradicionais	50
3.1. Fatores individuais e funcionalidade do bairro	50
3.2. Familiaridade e bairrismo	51
3.3. Perceções sobre a multiculturalidade	53
4. Turismo na Mouraria	55
4.1. Desenvolvimento local	56
4.2. Turistificação	58

4.2.1. Consequências na vida cotidiana dos moradores	58
4.2.2. Habitação	60
4.2.3. Esvaziamento do bairro e alteração das dinâmicas sociais	62
4.2.4. Cidadania ativa face às consequências da turistificação	64
Capítulo V. Conclusões e Discussão	69
Referências Bibliográficas	75
Anexos	82

Introdução

No ano de 2020, o número global de passageiros aéreos foi 1,8 mil milhões (considerando as restrições impostas pela pandemia COVID-19), e os migrantes¹ internacionais representavam cerca de 3,6% da população mundial (International Organization for Migrations [IOM], 2022). De acordo com os dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, estima-se que, em 2021, o número de pessoas deslocadas à força tenha alcançado os 84 milhões (United Nations High Commissioner for Refugees [UNHCR], 2021).

Na era da globalização, a mobilidade assume cada vez mais um papel estruturante na nossa sociedade. Movemo-nos de variadas formas - sejam elas físicas, imaginárias ou virtuais - e estas deslocções são experiências que se implicam no modo como interpretamos o mundo. Esta linha de pensamento vai ao encontro daquilo que, nas ciências sociais, é chamado de *paradigma da mobilidade*, e que evidencia a necessidade de repensar o modo como as pessoas se relacionam com os lugares, considerando premissas que vão além da fixidez geográfica (Bailey et al., 2021; Di Masso et al., 2019; Manzo, 2005; Sheller & Urry, 2006).

No âmbito da Psicologia Social e do Ambiente, a mobilidade de longa duração tem sido abordada com mais frequência. São vários os estudos que analisam a adaptação a novos lugares em contextos de migração: com enfoque em características individuais (Counted et al., 2018), relações sociais e comunitárias (Hickman & Mai, 2015, Kohlbacher et al., 2015) ou até mesmo migrações forçadas, como é o caso dos refugiados (Epule et al., 2015). No entanto, mobilidades de curta duração – nomeadamente o turismo – podem provocar transformações que trazem consequências, com relevância de estudo, para as populações locais (Daly et al., 2021). Neste contexto, e a partir de uma perspetiva relacional – que pressupõe a compreensão dos fenómenos sociais em conjunto, com enfoque no modo como estes se interligam e afetam mutuamente –, no presente estudo adotaremos uma abordagem inovadora, que considera conjuntamente mobilidades de curta e longa duração. Mais concretamente, tencionamos compreender os processos de adaptação de migrantes e as consequências sociais da turistificação, ao explorar a vinculação ao lugar e as dinâmicas intergrupais entre residentes

¹ Neste estudo, a palavra *migrante* refere-se a pessoas com contextos migratórios, que estabeleceram as suas vidas em lugares diferentes daqueles onde nasceram (Berry, 2006). Será utilizada a palavra *imigrante* caso estejam a ser referenciados artigos que especifiquem o grupo em questão desta forma.

migrantes e residentes ‘tradicionais’ de um bairro turistificado no centro de Lisboa – a Mouraria.

Ao considerar o paradigma da mobilidade no estudo da vinculação ao lugar, pretendemos alcançar uma visão abrangente que inclua a vertente sociopolítica das relações pessoa-lugar. A mobilidade não se impõe a todos da mesma forma e um dos fatores determinantes para a adaptação a um novo lugar é a natureza da deslocação – se é voluntária ou forçada (Gillespie et al., 2022; Lewicka, 2021). As motivações que levam as pessoas a agir em prol da defesa do lugar estão, também, associadas a componentes mais experienciais e estruturais, relacionadas com experiências formativas que vão vivendo ao longo da vida. É neste sentido que propomos o estudo da vinculação ao lugar de residentes tradicionais e migrantes – para compreender as dinâmicas complexas que advêm de diferentes trajetórias pessoa-lugar ao longo do tempo, mas que são indissociáveis do modo como o lugar é vivido no presente (Bailey et al., 2021).

Esta perspetiva temporal não se aplica exclusivamente ao nível individual: considerar a história de um bairro e as alterações que vai sofrendo contribui para uma melhor compreensão das perceções e das normas que são estabelecidas para esse local (Hickman & Mai, 2015). Concomitantemente, o modo como o lugar é percebido e construído socialmente (Di Masso et al., 2017; Dixon & Durrheim, 2000) pelos seus habitantes, nomeadamente em termos mais essencialistas ou menos essencialistas (Wnuk et al., 2021), relaciona-se com a aceitação, ou oposição, face a possíveis mudanças no lugar - especificamente no que respeita a chegada de novas pessoas, de contextos culturais e étnicos diferenciados (Wnuk et al., 2021). Assim, a compreensão das dinâmicas intergrupais de um determinado lugar beneficia de uma análise processual, que permite compreender como é que estas se desenvolvem ao longo do tempo – do tempo do lugar, das pessoas que o habitam, das mudanças sociais e das interseções entre estes.

Neste sentido, o turismo tem sido uma das práticas de mobilidade com mais expressão nos últimos anos (Sequera & Nofre, 2018). Lisboa foi tornada, através de vários processos sociopolíticos e económicos, num destino considerado altamente atrativo ao nível global (Baptista et al., 2018) e tem registado um elevado número de turistas na última década. Este aumento levou a alterações na dinâmica da cidade com impactos económicos, sociais e culturais (Sequera & Nofre, 2019) - tendo, portanto, resultado num processo de turistificação em que a cidade sofre várias transformações para passar a funcionar de modo a atrair e satisfazer as necessidades de turistas (Sequera & Nofre, 2018). A zona histórica de Lisboa foi especialmente afetada por estas mudanças: por ser uma área mais degradada, com défices populacionais e reduzida empregabilidade, alguns bairros do centro de Lisboa foram alvo de políticas de

reabilitação que perspectivavam o turismo como um dos meios para combater esses fenómenos (Baptista et al., 2018). Aliada à liberalização do setor imobiliário, e à atração de investimento económico no país também por via do setor imobiliário (e.g., vistos Gold) (Tulumello & Allegretti, 2021), esta estratégia acabou por promover um aumento exacerbado de alojamentos locais que, entre outras consequências, contribuiu para a saída de antigos residentes dos bairros mais visados (Baptista et al., 2018; Sequera & Nofre, 2019).

Processos deste tipo podem levar a respostas sociais que têm como objetivo proteger o lugar e aqueles que fazem parte da comunidade local (Aramayona & Batel, 2022; Mihaylov et al., 2021), bem como levar à perceção de um destino comum e comportamentos de ação coletiva associados (Ntontis et al., 2018). Assim, a presente investigação, com foco no bairro multicultural da Mouraria, em Lisboa, teve como objetivos mais específicos compreender como é que diferentes perfis de mobilidade se implicam na vinculação de migrantes a este lugar (Di Masso et al., 2019); se existe uma perceção essencialista da Mouraria por parte dos residentes ‘tradicionais’ e, se sim, quais as consequências para a aceitação de migrantes (Wnuk et al., 2021); e de que modo é que a turistificação afetou as relações intergrupais entre residentes ‘tradicionais’ e migrantes do bairro, considerando a potencial emergência de uma identidade social partilhada, através de um sentido de destino comum contra essa mudança extrema do bairro e dos seus habitantes (Ntontis et al., 2018).

Este estudo teve então lugar na Mouraria por ser um bairro simultaneamente multicultural (Malheiros et al., 2013) e tradicional (Mendes, 2012) que, ao longo dos últimos anos, passou por uma transformação relacionada com a construção de uma imagem mais cosmopolita, em parte, associada ao turismo (Bettencourt & Castro, 2015).

Revisão de Literatura

1. Mobilidade e Relações Pessoa-Lugar

1.1. Paradigma da mobilidade nas ciências sociais

O paradigma da mobilidade representa uma viragem nas ciências sociais, caracterizada pela necessidade de incluir os diferentes formatos de mobilidade, bem como as suas causas e consequências, na compreensão dos fenómenos sociais (Sheller & Urry, 2006). De acordo com Cresswell (2006), a mobilidade não é apenas um processo intercalar, de movimentação entre uma origem e um possível destino, mas sim um processo relacional – com implicações tanto para quem se move, como para os espaços geográficos e sociais envolvidos.

Atualmente, deparamo-nos com uma multiplicidade de formatos de mobilidade, possibilitados pelo desenvolvimento das sociedades de globalização capitalista contemporânea (Harvey, 2006). Podemos identificar mobilidades por períodos de curta duração (por exemplo, viagens turísticas), outras mais longas e fraturantes – tal como mudar de país em busca de melhor qualidade de vida – e até viagens virtuais, que desafiam a distância física em tempo real. Porém, estes formatos não se esgotam na deslocação de pessoas, incluindo ainda: movimentos de objetos, viagens imaginativas através de representações visuais, e movimentações comunicativas através de mensagens transmitidas entre pessoas (Buscher & Urry, 2009). No contexto atual, estas formas têm-se tornado cada vez mais comuns e centrais no modo como vivemos, com consequências sociais, psicossociais e ambientais diversas - o que evidencia a necessidade de serem aprofundadas (Cresswell, 2006).

É importante reforçar que a perspetiva apresentada por estes/as autores/as não desvaloriza as componentes mais fixas dos fenómenos sociais – tenciona antes compreendê-las em conjunto com as mais fluídas. Segundo Sheller & Urry (2006), até então verificava-se uma tendência para analisar os objetos sociais partindo de pressupostos estáticos e essencialistas (Batel et al., 2015) - comprometendo assim um melhor entendimento da sua complexidade. Advogam, portanto, uma abordagem de complementaridade e interdependência, em vez de substituição. O paradigma da mobilidade reforça, então, o caráter dinâmico dos lugares, considerando que um processo de mobilidade não termina no destino - implica-se, antes, na sua produção. A mobilidade e a imobilidade estão assim conectadas, e desta associação surgem questões sociopolíticas, sobre quem se pode mover, em relação a quem tem de permanecer no lugar, e vice-versa (Di Masso, et al., 2019).

1.2. Vinculação ao lugar

No âmbito da Psicologia Ambiental, o enquadramento da mobilidade-imobilidade veio reforçar a inevitabilidade de repensar os lugares, bem como as relações que se estabelecem com os mesmos, considerando a sua natureza mais fluída. Estas relações são caracterizadas pela multidimensionalidade e pela pluralidade de definições e conceitos associados, dada a sua relevância multidisciplinar (Low & Altman, 1992; Lewicka, 2011a). De referir ainda que a ligação aos lugares é complexa e depende do modo como lhes atribuímos significado. Por tal, pode provocar sentimentos ambivalentes (positivos e/ou negativos), ser experienciada de modo diferente consoante as características sociopolíticas daqueles que estão envolvidos, e ser referente a uma panóplia de configurações geográficas e sociais, que vão além das experiências de residência (Manzo, 2005).

Podemos definir dois grandes tipos de perspetivas quanto às relações pessoa-lugar a partir da Psicologia Social do Ambiente: as perspetivas descritivas e as perspetivas processuais. Nas perspetivas descritivas inclui-se o modelo de Scannell e Gifford (2010) (Modelo PPP: *People - Process - Place*), que considera a vinculação ao lugar um conceito multidimensional que remete para a ligação que se estabelece com um lugar significativo, e que pode ser analisada considerando (1) fatores pessoais, (2) processos psicológicos ou (3) características sociais e físicas do lugar. Estas dimensões vão ser explicitadas de seguida.

A primeira dimensão é referente a quem estabelece a ligação, que pode fazê-lo por fatores individuais, ou grupais e culturais. Respetivamente, uma pessoa pode estabelecer uma ligação significativa com o local onde trabalhou pela primeira vez (por ter sido uma etapa de vida marcante), e um grupo religioso com espaços de culto. A investigação tem-se dedicado mais ao estudo desta primeira dimensão, o que se apresenta como barreira à melhor compreensão do conceito, segundo o modelo proposto (Hernandez et al., 2021).

Quanto aos processos psicológicos envolvidos na vinculação ao lugar, estes podem ser cognitivos, afetivos e/ou comportamentais. Neste caso, um lugar pode tornar-se significativo para alguém por representar uma referência que lhe transmite um sentido de continuidade na identidade - a casa dos avós, por exemplo, que pode ter sido palco de memórias de infância, e ter um significado emocional associado. De acordo com a proposta de Twigger-Ross e Uzzell (1996), seguindo os princípios identitários propostos por Glynis Breakwell, a identificação com o lugar surge em função do modo como o mesmo permite desenvolver aspetos da identidade – sendo a continuidade um desses princípios (a par com a distintividade, a autoestima e a autoeficácia). De acordo com o Modelo PPP, os processos comportamentais associados à vinculação ao lugar são ações que objetivam a manutenção ou proximidade dos lugares

significativos – o que assenta num pressuposto sedentário de que a vinculação ao lugar implica proximidade espacial (Di Masso et al., 2019). Contudo, esta aproximação pode não ser adaptativa e representar perigo, caso o lugar em causa esteja em risco (Anton & Lawrence, 2014).

A última dimensão aponta para as características do lugar em si que estão na origem do laço estabelecido – distinguem-se entre sociais e físicas. As características sociais são as oportunidades de convivência e as relações interpessoais que um lugar proporciona. Estas podem promover uma associação do lugar a um grupo social, e a relação com o espaço em causa funciona como uma identificação grupal, permitindo desenvolver aspetos identitários de grupo (Twigger-Ross & Uzzell, 1996). No que respeita aos traços físicos, estes podem contribuir para a vinculação por si só (por exemplo, a configuração das ruas num bairro histórico) ou estarem relacionados com a funcionalidade que o lugar oferece. Neste caso, os traços contribuem para uma relação de dependência do lugar, que remete para o modo como este proporciona condições para satisfazer localmente necessidades individuais ou grupais (Counted, 2016; Raymond et al., 2010). Congruentemente, Twigger-Ross e Uzzell (1996) evidenciam o papel da autoeficácia na identificação com o lugar – a capacidade que este tem de transmitir um sentido de autonomia e eficácia, associados à consecução de tarefas do dia-a-dia, ou a um determinado estilo de vida.

Tanto o estudo de Twigger-Ross e Uzzell como o modelo de Scannell e Gifford contribuem para a compreensão da vinculação ao lugar, considerando as várias dimensões que a integram. Apresentam, assim, um nível de análise descritivo da vinculação ao lugar, visto que focam as suas propostas na caracterização das componentes deste laço, bem como naquilo que o possibilita ou promove, e respetivas implicações. Contudo, o objetivo do presente estudo - compreender os processos de adaptação de migrantes e as consequências sociais da turistificação, ao explorar a vinculação ao lugar e as dinâmicas intergrupais entre residentes migrantes e residentes ‘tradicionais’ de um bairro turistificado - implica perspetivas mais dinâmicas, que considerem o desenvolvimento do vínculo pessoa-lugar ao longo do tempo, enquanto processo (Bailey et al., 2016).

Das perspetivas processuais propostas dentro da literatura das relações pessoa-lugar, podemos considerar as perspetivas fenomenológicas que enquadram a totalidade da experiência humana entre dois eixos - tempo e espaço -, afirmando a inevitabilidade de uma profunda associação entre as pessoas e os lugares. Desta forma, a experiência corporal implica uma constante variação entre dois polos de um mesmo contínuo – o movimento e a estabilidade (Seamon, 2018, 2021).

Di Masso e colaboradores/as (2019) propuseram um quadro conceptual que teoriza e organiza os estudos sobre a vinculação ao lugar, em torno de diferentes modos de interação *fixity-flow*. Este modelo sugere que o processo de vinculação ao lugar contém aspetos de estabilidade e mobilidade, que se interligam de acordo com seis estilos, a explicitar.

No primeiro - fixidez (estabilidade espacial e temporal) – a experiência é altamente centrada num território geográfico e respetivas configurações sociais, pelo que a mobilidade representa uma disrupção com o objeto de vinculação. Esta disrupção pode gerar experiências negativas, de stress, associadas à perda de um sentido de continuidade própria (ou referente à comunidade local) (Fullilove, 2021; Twigger-Ross & Uzzell, 1996), e contrariar sentimentos positivos transmitidos pelo lugar, como segurança e pertença. De referir, ainda, que a mobilidade não tem de ser física – a disrupção pode ser vivida através de transformações severas no lugar (Atkinson, 2015; Valli, 2016).

Quanto ao segundo modo de interação - fixidez *ou* mobilidade –, a mobilidade e a estabilidade espaciais são percebidas como mutuamente exclusivas. Neste caso, a vinculação a um lugar específico pode ser motivada por aspetos de mobilidade ou de estabilidade, mas nunca os dois em simultâneo, visto que são representados contraditoriamente. Este modo expõe, ainda, conceções sobre desigualdade social, em que uma classe tem acesso à circulação e movimentação entre lugares, e outra (mais baixa) está destinada à estabilidade, face à impossibilidade de se mover (Di Masso et al., 2019). Não obstante, a dinamização das práticas de mobilidade e as transformações urbanas relacionadas (com consequências ao nível da habitação), contribuem para um panorama em que também a estabilidade se torna inacessível a classes sociais mais baixas (Sequera & Nofre, 2018).

O terceiro modo - fixidez *e* mobilidade – trata-se de uma interação em que tanto os aspetos de mobilidade como os de fixidez contribuem para a vinculação ao lugar. Neste sentido, podem ser integradas de uma forma complementar – quando, por exemplo, a mobilidade propicia experiências positivas marcantes, associadas a uma cidade ou país, que permitem a criação de um laço afetivo com esse local -, e de compensação (Di Masso et al., 2019). Neste segundo caso, os aspetos relacionados com a mobilidade podem compensar aquilo que está em falta numa vinculação baseada em premissas fixas – um caso ilustrativo é o das casas de férias no campo, que face a uma vida atribulada na cidade, podem transmitir sensações positivas de tranquilidade (não invalidando a vinculação ao local de residência urbano).

O quarto estilo - fixidez *a partir* da mobilidade – refere-se aos casos em que um sentido de estabilidade surge na sequência de experiências que resultam de processos de mobilidade. Nesta situação, verifica-se uma integração abrangente que reúne vários lugares numa só vinculação.

Esta integração pode surgir com base nos diferentes ambientes envolvidos, que se caracterizam na mesma escala geográfica. No caso das experiências de residência, a vinculação é desenvolvida em relação a um tipo de espaço que reúne traços comuns aos vários lugares habitados - por exemplo, uma pessoa preferir viver no litoral. Este modo permite uma continuidade em relação aos vários lugares vividos ao longo da vida, que contribui para o vínculo desenvolvido (Bailey et al., 2021). Este perfil está, ainda, intimamente ligado ao conceito de *settlement-identities*, proposto por Feldman (1990) - que explica a generalização do vínculo a um ou mais lugares concretos (considerando as suas várias dimensões), para um *tipo* de lugar que os enquadre. Ainda dentro do quarto perfil, a integração dos aspetos de estabilidade e mobilidade pode ser conseguida se os lugares em causa promoverem os princípios identitários de quem desenvolve a relação com o lugar (Twigger-Ross & Uzzell, 1996). Neste sentido, experiências de mobilidade podem incluir vários lugares num percurso de vida individual, que se conectam por serem congruentes com o modo como o sujeito se identifica, proporcionando-lhe um sentido positivo de estabilidade – por exemplo, uma pessoa preferir viver em lugares em que a deslocação por meio de bicicleta é facilitada, ou numa zona com espaços verdes que possibilitem a prática de exercício físico, por se considerar uma pessoa fisicamente ativa e isso representar uma dimensão importante da sua identidade. A integração dos aspetos de mobilidade e estabilidade é, neste caso, um processo *self-related* e diacrónico.

O penúltimo modo de interação - mobilidade *na* fixidez – remete para uma integração multicentrada, proporcionada por processos de mobilidade frequentes entre espaços geográficos e sociais fixos. Neste modo de interação, diferentes lugares contribuem simultaneamente para a identidade da pessoa em questão, tornando-se assim objetos de vinculação. O sujeito desenvolve várias vinculações a diferentes lugares, que acabam por criar uma teia de significado individual (Manzo, 2005). Este modo de articulação, de carácter rizomático, pode refletir-se em pequena escala (quando se desenvolve uma ligação com várias áreas da cidade, que fazem parte daquilo que somos, das nossas rotinas e das nossas vidas sociais), e em maior escala – quando, por exemplo, por razões laborais, uma pessoa tem de se deslocar frequentemente a uma cidade específica fora do país, que passa também a fazer parte da sua rede identitária (Di Masso, et al, 2019).

Finalmente, o sexto estilo – mobilidade – refere-se a uma experiência desprovida de centralidade territorial, ou seja, quando os aspetos relacionados com a estabilidade são relativamente irrelevantes para as vivências do sujeito. Ainda que, neste caso, os lugares físicos e sociais não sejam propriamente focos de vinculação (Bailey et al., 2016), os processos de mobilidade envolvem sempre a permanência (ainda que de curta duração) num determinado

lugar. A mobilidade pode, então, projetar-se em processos que não implicam deslocamentos corporais, tais como: viagens virtuais, através de meios de comunicação digital, e viagens imaginativas, por meio de representações visuais que proporcionam uma deslocamento simbólica (Di Masso et al., 2019). Este quadro conceptual evidencia o carácter dinâmico das relações pessoa-lugar, que são assim exploradas na interação entre a mobilidade e a estabilidade, e se desenvolvem ao longo do tempo.

Nesta linha de pensamento, Bailey et al. (2016) exploraram os tipos de relação pessoa-lugar operacionalizados por Lewicka (2011b) (seguindo a proposta de Hummon sobre sentido de comunidade), em contextos de mobilidade residencial, considerando diferentes trajetórias de vida relacionadas com o lugar. Através desta abordagem, encontraram um novo estilo de vinculação, não detetado em estudos focados numa janela temporal concreta. Mais ainda, esta investigação evidenciou o carácter fluído dos próprios estilos de vinculação, que se desenvolvem acompanhando diferentes etapas de vida e ajudam a compreender a adaptação a mudanças no lugar (Bailey et al., 2016). Neste sentido, foram identificados três estilos de vinculação ao lugar, e três estilos de não vinculação. A vinculação ao lugar pode ser ativa, tradicional ou tradicional-ativa (Bailey et al., 2016; Bailey et al., 2021), e a não vinculação subdivide-se em três tipos: alienação, relativismo e *placelessness* (Lewicka, 2011b; Lewicka, 2013).

A vinculação tradicional é uma relação forte, frequentemente associada a um local de residência e a componentes autobiográficas, que se distingue pelo carácter quase inconsciente da vinculação e pela presença de laços sociais e relações de vizinhança significativas (Bailey et al., 2016). Este estilo de relação correlaciona-se positivamente com o tempo de residência e negativamente com a mobilidade, estando ainda associado a maiores níveis de desconfiança face a desconhecidos (Lewicka, 2011b).

O estilo ativo corresponde a uma ligação pensada, e estabelecida com base naquilo que o lugar tem para oferecer. É trabalhada ativamente, em vez de ser tomada por garantida. Associada a uma maior mobilidade, este tipo de relação é informado por experiências de lugar anteriores e pressupõe uma melhor adaptação a mudanças de (e no) lugar (Bailey et al., 2021; Gillespie et al., 2022; Lewicka, 2013). Mais ainda, está relacionado com fortes laços comunitários e curiosidade em relação à história e características do lugar (Lewicka, 2011b). A vinculação ativa é ainda associada a um envolvimento ativo na comunidade, e a uma melhor capacidade de articular processos de mobilidade com ligações emocionais a locais de residência (Lewicka, 2013).

O novo estilo de vinculação identificado por Bailey et al. (2016), e aprofundada pelos/as mesmos/as autores/as mais tarde (2021), remete para uma relação híbrida com o lugar, que

combina traços dos estilos tradicional e ativo. Associado a uma trajetória de vida em que as pessoas retornam ao local onde cresceram - após experiências de residência negativas -, este estilo distingue-se por ser uma ligação irrefletida, com componentes autobiográficas e redes de suporte social alicerçadas no lugar. Simultaneamente, verifica-se uma procura ativa por aquilo que o lugar tem para oferecer, e a valorização das características do mesmo – resultantes de uma dinamização do vínculo, potenciada por experiências de residência anteriores (Bailey et al., 2021).

Quanto aos estilos de não vinculação, estes caracterizam-se por serem tipos de relação pessoa-lugar com pouca carga de localismo, isto é – pouco alicerçadas no lugar em si (Lewicka, 2013). Estes três estilos descrevem não vinculações associadas a conotações negativas, ambivalentes ou neutras. A alienação pressupõe sentimentos negativos em relação ao lugar - que não é apreciado -, e fracas relações de vizinhança, bem como um desinteresse generalizado pelo lugar (Lewicka, 2011b). Este estilo está, também, associado a uma descontinuidade em relação às preferências de tipo de lugar (Feldman, 1990; Bailey et al., 2016). Já o relativismo remete para uma aceitação condicional do lugar, frequentemente associada a sentimentos ambivalentes em relação ao mesmo (Lewicka, 2011b). Envolve, portanto, um equilíbrio entre aspetos positivos e negativos associados ao lugar (Bailey et al., 2021). Por fim, *placelessness* refere-se a um estilo de não vinculação em que os lugares não representam um objeto de vinculação óbvio. Trajetórias de vida associadas a altos níveis de mobilidade relacionam-se com a não identificação com um espaço geográfico, havendo maior enfoque nas relações interpessoais que ambientais (Bailey et al., 2021). De referir, ainda, que este estilo vai ao encontro do perfil *flow*, do modelo de Di Masso et al. (2019), supramencionado. Exposto isto, podemos afirmar que os estilos de vinculação (e não vinculação) são, então, informados por experiências anteriores, e podem ser indicativos de possíveis respostas a alterações de (e no) lugar (Bailey et al., 2016).

Em contextos de mobilidade, há ainda fatores que influenciam a mudança de lugar, e que moldam a relação após a chegada. As experiências de vida anteriores, relacionadas com o lugar, dão forma à vinculação a um novo local de residência (Manzo, 2005). Em situações de mobilidade residencial, se for desenvolvida uma preferência em relação a um tipo de lugar – *settlement identity* (Feldman, 1990) – o facto do novo local não corresponder a esse tipo (criando, assim, uma descontinuidade em relação à *settlement identity*) pode dificultar a formação de um vínculo (Bailey et al., 2021).

Outro fator é o das relações sociais e dos laços comunitários associados ao lugar. Se, por um lado, ter uma forte rede de suporte na cidade onde vivemos (que desempenha um papel na

ligação psicológica que desenvolvemos com esse lugar) nos faz querer continuar a viver lá, por outro, as dinâmicas relacionais podem, também, motivar a saída desse mesmo sítio – por exemplo, para acompanhar um/a parceiro/a que vai imigrar. A ausência dessa rede de suporte no novo destino pode ainda dificultar a adaptação ao mesmo (Bailey et al., 2021).

Como já referido, também as condições estruturais – tais como características sociopolíticas e aspetos culturais (como, por exemplo, uma pessoa mudar para uma cidade estrangeira onde existe uma forte comunidade de migrantes da sua cultura de origem, que facilita a manutenção de costumes culturais) – influenciam tanto os processos de mobilidade, como as relações pessoa-lugar (Di Masso et al., 2017; Di Masso et al., 2019; Manzo, 2005). Neste sentido, o contexto que leva uma pessoa a mover-se pode ser determinante na experiência do novo local de residência. A natureza da deslocação – se é ou não voluntária –, bem como a possibilidade de escolha do destino, são relevantes no processo de vinculação (Bettencourt et al., 2021; Gillespie et al., 2022), e podem depender de fatores estruturais (Lewicka, 2021).

Bettencourt e colaboradores/as (2021), verificaram que a percepção de uma continuidade cultural do bairro se relaciona positivamente com a perpetuação de comportamentos de sociabilidade no espaço público da Mouraria (através da identificação com o lugar e do conhecimento sobre o mesmo), sem diferenças significativas entre o tipo de morador – tradicional e *new gentrifier*. De acordo com os/as autores/as, estes novos moradores escolheram aquele bairro para viver, porque se identificavam com o tipo de vida associado - o que contribuiu para a manutenção de comportamentos que o sustentam. Dentro do tema que tem sido desenvolvido, sobre o impacto das condições estruturais nas relações pessoa-lugar em contextos de mobilidade, estas evidências corroboram a importância da escolha do destino (que só é possível em determinados contextos socioeconómicos) (Di Masso et al., 2019), tendo em conta a congruência das características do mesmo (neste caso sociais) com as dos novos moradores (Twigger-Ross & Uzzell, 1996). Com base no exposto, e como proposto por Bailey et al. (2021), as relações pessoa-lugar em contextos de mobilidade são influenciadas pela interação complexa entre três fatores: experiências de lugar formativas e *settlement identities*, rede de relações interpessoais significativas e de suporte (incluído laços comunitários), e condições estruturais que incluem aspetos económicos, políticos e culturais.

Do ponto de vista das condições estruturais, a dinâmica de interdependência entre os aspetos de mobilidade e estabilidade tem também consequências ao nível dos processos identitários, associados à vinculação a bairros estigmatizados. Num estudo de Ropert e Di Masso (2021), o/a autor/a evidenciam o modo como a estigmatização de um bairro pode levar à mobilidade involuntária dos seus habitantes, e consequentes problemas identitários e ao nível

da vinculação. A exclusão sociopolítica do lugar tem consequências negativas na identidade daqueles que lá habitam e, por tal, a mobilidade pode surgir na tentativa de desassociar o estigma, atribuído ao lugar, da identidade própria (Lewicka, 2021; Twigger-Ross & Uzzell, 1996).

Desta forma, e em conformidade com o que tem sido proposto ao longo desta secção, verifica-se que a vinculação ao lugar é um processo que se desenvolve ao longo do tempo, em torno de dinâmicas de interação mobilidade-imobilidade (Di Masso et al, 2019), com implicações identitárias (Twigger-Ross & Uzzell, 1996), sociais (Bettencourt et al., 2021), políticas (Ropert & Di Masso, 2021) e ambientais (Bailey et al., 2016). Neste sentido, continuará a ser explorada na próxima secção, em contextos de mudança no lugar.

2. Mudanças no Lugar: da Migração à Turistificação

A frequente circulação de pessoas entre países possibilitou o aumento das interações interculturais, que por sua vez se implicam tanto nas pessoas que se movimentam, como nos lugares envolvidos, e respetivas comunidades (Heine, 2016). Desta forma, o aumento das práticas de mobilidade veio alterar certas configurações sociais dos lugares (Cresswell, 2006). Neste sentido, importa perceber como é que estas mudanças são percecionadas pela população local e quais as suas respostas. Por outro lado, surge também a necessidade de compreender os processos de adaptação de quem chega a um novo lugar, e as dinâmicas intergrupais resultantes.

2.1. Migração e relações intergrupais

Segundo Hickman e Mai (2015), as perceções que se formam sobre um determinado lugar são informadas pelo seu desenvolvimento ao longo do tempo. Concretamente, os lugares podem ser percebidos em termos de homogeneidade e heterogeneidade, relativamente às pessoas e grupos sociais que os constituem. Em contextos em que a migração é um fenómeno comum, associado à história e configuração social do lugar, há uma tendência para associar uma narrativa de heterogeneidade, em que a diversidade é vista como uma característica deste. Do mesmo modo, quando um local é composto por pessoas que pertencem a grupos relativamente estáveis ao longo do tempo, o mesmo é considerado homogéneo em relação aos membros que o constituem. Estas narrativas de heterogeneidade e homogeneidade contribuem para as atitudes e práticas da população local face à imigração. No caso dos lugares heterogéneos a imigração é normativa e, por tal, há um sentimento de pertença alargado aos diferentes membros da

comunidade, visto que a diversidade é um traço característico desse lugar. Neste sentido, as autoras defendem que a história relativa à imigração, de um determinado espaço geográfico e social, é essencial para identificar que recursos é que a comunidade tem disponíveis para lidar positivamente com conflitos que desafiam a percepção de homogeneidade social. As comunidades de lugares heterogêneos são mais dotadas destas ferramentas, visto que estas já fazem parte do seu funcionamento social.

Seguindo um modelo semelhante, Wnuk e colegas (2021) examinam o modo como os lugares são percebidos em termos de essencialismo e anti-essencialismo, e como isso afeta a aceitação de diversidade étnica no lugar (Wnuk et al., 2021). Determinados lugares podem ser socialmente construídos (Dixon & Durrheim, 2000) enquanto espaços geográficos e sociais únicos - ou essencializados (Batel et al., 2015) -, cujas características são consideradas naturais e constantes ao longo do tempo (Gelman, 2003). Quando os lugares são percebidos desta forma, é-lhes atribuída uma essência que determina a sua autenticidade e, conseqüentemente, delimita aquilo que é esperado para esse lugar (Batel et al., 2015) – estas são as percepções essencialistas. Partindo da premissa de que um lugar é socialmente construído, a atribuição de traços permanentes e imutáveis permite uma imposição de normas, construídas num contexto de relações de poder – visto que há um grupo que define o que é aceitável naquele lugar, privilegiando o que é congruente com o modo como o mesmo é representado (Aramayona & Batel, 2022; Batel et al., 2015; Di Masso et al., 2014).

Por outro lado, um lugar pode ser construído em termos mais dinâmicos, que lhe conferem um caráter fluído, compatível com alterações. Desta perspectiva, o lugar não se define por características fixas - é antes construído na interação das várias pessoas (de diferentes contextos sociais e culturais) que o compõem, de um modo horizontal – percepções anti-essencialistas (Wnuk et al., 2021). As percepções essencialistas estão, então, associadas a uma menor abertura à diversidade social e cultural, visto que esta pode pôr em causa a essência do lugar, em comparação com percepções anti-essencialistas que, ademais, associam a produção do lugar a trocas e sinergias (Wnuk et al., 2021).

Traços essencialistas estão mais associados à tranquilidade, enquanto traços anti-essencialistas são frequentemente atribuídos a lugares que proporcionam entusiasmo (Lewicka et al., 2019). Tanto os lugares percebidos de modo essencialista como anti-essencialista podem ser conotados positivamente. Num estudo de Lewicka e colaboradores (2019) realizado com estudantes universitários, verificou-se uma maior preferência por lugares essencialistas, associada a sentimentos de tranquilidade. Porém, os lugares anti-essencialistas podem desempenhar um papel complementar na vida das pessoas, por serem mais estimulantes

(Lewicka et al., 2019). Neste sentido, a percepção de diversidade étnica num bairro relaciona-se positivamente com a vinculação ao mesmo, em contextos em que este tipo de diversidade acompanha a história do bairro (Toruńczyk-Ruiz & Lewicka, 2016). Porém, diferentes tipos de diversidade têm implicações distintas no desenvolvimento de laços com o lugar. Verificou-se uma relação inversa entre a percepção de diversidade ao nível dos rendimentos da população local e a vinculação ao bairro – que, segundo discutido por Toruńczyk-Ruiz e Lewicka (2016), remete para a associação da diversidade de rendimentos a estigmas de pobreza.

Estas associações desempenham um papel importante no modo como grupos diferentes interagem e se posicionam social e espacialmente nos lugares. Associações discursivas entre imigração e criminalidade podem legitimar comportamentos discriminatórios e de exclusão – na medida em que não se dirigem diretamente aos migrantes, mas sim implicitamente por associação, invalidando assim acusações de xenofobia (Di Masso et al., 2014; Sue, 2010). Da mesma forma, espaços públicos com maior presença de imigrantes e pessoas que aparentam pertencer a grupos socioeconómicos mais baixos são percebidos como menos seguros, e são menos utilizados por outros grupos que frequentam os espaços percebidos como mais seguros (Tejera, 2012). Estes estudos mostram como é que diferentes formas de segregação e exclusão podem promover desigualdades na utilização dos lugares (e respetivos recursos), com impacto ao nível das relações intergrupais.

Por outro lado, numa revisão sistemática de literatura Bettencourt e colegas (2019) evidenciam que, em contextos do dia-a-dia, partilhar o mesmo espaço com pessoas de contextos étnicos e socioeconómicos diferentes não é suficiente para promover relações intergrupais positivas, visto que as interações ocorrem maioritariamente ao nível intragrupal. Assim, estratégias formais de combate à segregação não são suficientes para pôr fim a padrões de segregação informais (Dixon & Durrheim, 2003) – que permanecem com base em (1) atitudes negativas e estereótipos em relação ao outro grupo, (2) identificação intragrupal e percepção de ameaça, e (3) sentimentos negativos como ansiedade, medo e insegurança (Bettencourt et al., 2019). Estes quadros teóricos remetem para o papel do lugar na aceitação de diversidade social e cultural (Lewicka et al. 2019; Toruńczyk-Ruiz & Lewicka, 2016; Wnuk et al., 2021), e para o modo como a representação da imigração e da diversidade se reflete nas relações intergrupais e práticas sociais, ancoradas no lugar (Bettencourt et al., 2019; Di Masso et al., 2014; Tejera, 2012).

Contudo, é também importante explorar a interação cultural e as relações intergrupais do ponto de vista de quem chega aos lugares, mais concretamente dos migrantes – pessoas que estabeleceram as suas vidas em países diferentes daqueles onde nasceram (Berry, 2006) - ,

compreendendo o seu processo de adaptação a uma nova cultura. Neste sentido, Berry (2006) refere que as estratégias de aculturação de um grupo étnico-cultural não dominante podem organizar-se num espaço definido por dois eixos. O primeiro eixo remete para a manutenção de práticas, contactos e características da cultura de origem, e o segundo refere-se ao relacionamento e interação com grupos que têm outra cultura, resultando na aquisição das suas práticas culturais. É a visão (mais positiva ou negativa) que os elementos do grupo têm sobre as referidas questões que os posiciona numa de quatro estratégias de aculturação. Uma visão negativa em relação a ambos os eixos vai ao encontro da marginalização. Quando as práticas e relações culturais são mantidas e não há interesse ou possibilidade de estabelecer relações com outros grupos culturais, a estratégia mobilizada é a de separação. Já a integração resulta de uma visão positiva face a ambas as questões que definem os eixos. Finalmente, quando há uma procura (e possibilidade) de estabelecer contacto com grupos culturais distintos, e desinteresse ou impossibilidade de manter as práticas da cultura de origem, a estratégia atribuída é a de assimilação. Ainda que a perspectiva analisada seja a do grupo cultural não dominante, muitas vezes uma visão positiva (ou negativa) sobre a manutenção (ou aquisição) de práticas culturais pode não depender dos elementos do grupo não dominante, pelo que a estratégia mobilizada nem sempre é totalmente voluntária (Berry, 2006).

Concretamente, a visão será menos positiva se entidades, serviços ou, até mesmo, elementos do grupo cultural dominante dificultarem ou, em última instância, impossibilitarem o contacto com a sua cultura, ou a manutenção de outras práticas culturais que não as suas – o que se reflete em estratégias sociais do grupo dominante para lidar com a interculturalidade. Por exemplo, a imposição de uma estratégia de separação por parte do grupo dominante resulta em práticas de segregação, e uma sociedade só pode ser multicultural se o grupo dominante permitir e procurar a integração, através da adaptação dos seus serviços (Berry, 2006).

Contudo, investigações mais recentes referentes à adaptação de migrantes reiteram a necessidade de trazer o foco desta adaptação para variáveis contextuais, solidamente fundamentadas por evidências científicas, como barreiras linguísticas (Counted et al., 2018), discriminação, ou suporte social - retirando a ênfase das estratégias mobilizadas individualmente pelos migrantes (Bierwiazzonek & Kunst, 2021). Em concordância, a investigação sobre a adaptação de migrantes beneficiará ainda de um maior enfoque em questões socioculturais, relacionadas com as estruturas funcionais do país de acolhimento – por exemplo, a acessibilidade de serviços básicos como a saúde e a educação (Bierwiazzonek & Waldzus, 2016).

As relações pessoa-lugar são também afetadas por contextos de migração, como temos vindo a referir (Di Masso et al., 2019). Um estudo de Risbeth e Powell (2013) evidencia a natureza dinâmica da vinculação ao lugar, que se vai transformando na interação entre traços do país de origem e do novo local de residência. A ligação que os migrantes estabelecem é fortemente informada por memórias que, ao serem evocadas por traços do espaço público deste novo local, remetem para uma continuidade transnacional e entre diferentes etapas de vida, alicerçada naquele lugar (Di Masso et al., 2019; Twigger-Ross & Uzzell, 1996). A paisagem em si e os traços identificados são associados a componentes sociais, culturais e até mesmo emocionais que transportam os participantes para o seu país de origem, gerando uma experiência de sobreposição dos dois lugares que reforça a vinculação ao novo local de residência – complexificando-a (Risbeth, 2021; Risbeth & Powell, 2013).

2.2. Turistificação e respostas comunitárias a alterações no lugar

A turistificação é um processo de transformação urbana, através do qual o funcionamento da cidade se desenvolve em função de experiências de turismo e da atração de turistas, tornando-a num destino turístico mais competitivo (Sequera & Nofre, 2018; Sequera & Nofre, 2019). Este processo pode ser impulsionado por agentes nacionais ou internacionais, contudo, só ocorre quando as entidades governativas da cidade em questão falham no controlo das consequências do aumento do turismo, deixando, então, as comunidades locais em situações de pressão e vulnerabilidade face a estas consequências – é, portanto, um problema com implicações ao nível político, sociocultural, económico e ambiental (Daly et al., 2021; Tulumello & Allegretti, 2021). A turistificação envolve assim alterações na cidade, enquanto lugar físico e social, que se assemelham às de outros processos de transformação urbana - não deixando, no entanto, de ter as suas particularidades (Mendes, 2017; Sequera & Nofre, 2018).

Num estudo de Sequera & Nofre (2018) os autores apresentam o debate existente na área dos estudos urbanos sobre a sobreposição e/ou substituição de termos que designam processos de transformação distintos, para abordar as consequências da turistificação. Por exemplo, remetem para o facto desta transformação ter impacto ao nível do mercado imobiliário, com severas consequências emocionais, e implicações no bem-estar psicológico de residentes (de nível socioeconómico mais baixo) dos bairros mais afetados, que acabam por ser desalojados (Atkinson, 2015; Cocola Gant, 2016; Valli, 2016). Por outro lado, o incremento do número de turistas reflete-se também nas suas práticas, muitas vezes incompatíveis com a vida quotidiana das populações locais – um exemplo marcante é o do entretenimento noturno no Bairro Alto (Baptista et al., 2018; Nofre et al., 2017), que sujeita os moradores a poluição sonora, entre

outras consequências com implicações ao nível do seu bem-estar (Daly et al., 2021; Pavel, 2016). Os residentes locais são ainda expropriados de traços característicos culturais (por exemplo, o Fado), que são mobilizados para fazerem parte da dinâmica de consumo (Aramayona & Batel., 2022), que tem ainda transformado os pequenos estabelecimentos de comércio noutros muitas vezes inacessíveis à população local (Baptista et al., 2018; Gonzalez & Waley, 2012). Estas alterações de carácter socioeconómico e cultural são semelhantes àquelas que resultam de processos de gentrificação. De acordo com Davidson & Lees (2005), os processos de gentrificação pressupõem transformações urbanas com consequências demográficas e paisagísticas, resultantes do investimento (nacional ou estrangeiro), e da chegada de novos moradores com mais poder económico e cultural, a bairros da cidade. Esta vinda de novos residentes pode resultar no desalojamento dos antigos que, por terem menos poder socioeconómico, acabam por ter de sair, sendo assim substituídos por estes novos (Atkinson, 2015; Valli, 2016).

É exatamente a partir desta questão que Sequera e Nofre (2018) evidenciam a necessidade de compreender estes dois processos em separado – gentrificação e turistificação -, para melhor endereçar as consequências resultantes e informar políticas públicas associadas. A turistificação distingue-se então da gentrificação em várias dimensões. No que respeita às classes da população desalojada dos bairros afetados, enquanto a gentrificação afeta diretamente residentes de classes socioeconómicas mais baixas, a turistificação (através da proliferação dos alojamentos locais e de práticas desajustadas à realidade de moradores a longo termo) acaba por ter implicações na saída dos residentes, independentemente das suas classes sociais. Por outro lado, a gentrificação resulta numa substituição da população local por outra com mais capital económico e cultural – enquanto a turistificação resulta no despovoamento destes bairros. Assim, enquanto a gentrificação é um problema urbano associado à luta de classes, a turistificação é um problema transversal às várias classes, que tem impacto nas dinâmicas da vida em comunidade dos (poucos) residentes que ficam nos bairros turistificados. Estes deixam, então, de ser lugares residenciais destinados à habitação, passando a funcionar em torno de estadias temporárias e alojamentos de curta duração (Baptista et al., 2018; Sequera & Nofre, 2018; Sequera & Nofre, 2019). Deste modo, a turistificação acaba por trazer consequências disruptivas para o modo como aqueles que ficam vivem os bairros, e se relacionam com eles (Daly et al., 2021; Diaz-Parra & Jover, 2020).

Neste sentido, Kim (2021) realizou um estudo com o propósito de compreender a relação entre modificações causadas pela turistificação de um bairro tradicional na Coreia do Sul, e a vinculação ao lugar. Concluiu que a natureza dinâmica deste laço pessoa-lugar desempenha um

papel na organização de respostas à mudança no bairro – podendo realçar uma componente mais ativa em situações em que as consequências da turistificação se agravam. Por outro lado, a vinculação ao lugar é fluída na medida em que acompanha as alterações que o bairro sofre, desenvolvendo-se consoante a evolução do mesmo. Esta premissa é especialmente relevante porque realça que as mudanças no lugar têm impacto nas relações que se estabelecem com este – ou seja, a vinculação não é estática e garantida, podendo até tornar-se mais fraca em função das transformações que os lugares vão sofrendo - mesmo no caso de moradores que mantêm muitos anos de relação com os seus locais de residência (Atkinson, 2015; Kim, 2021; Valli, 2016).

Assim, fatores relacionados com o lugar (e respetiva proteção) podem ter impacto ao nível das dinâmicas intergrupais e das respostas comunitárias face a mudanças disruptivas no lugar (Aramayona & Batel, 2022; Mihaylov et al., 2021). Neste sentido, Ntontis e colegas (2018) reafirmaram um modelo de resiliência comunitária em contextos de crise (Williams & Drury, 2009), com base num estudo sobre cheias no Reino Unido. De acordo com o mesmo, uma comunidade afetada por um evento disruptivo que, em parte, é expectável – neste caso, as cheias – tende a unir-se em torno de um sentido de destino comum. Especificamente, face à ameaça das cheias, os membros desta comunidade mobilizaram forças internas para prestar suporte àqueles que foram afetados - independentemente de fronteiras intergrupais prévias ao evento, e de terem sido direta ou indiretamente impactados. As cheias provocaram um contexto psicossocial de crise em que se deu uma alteração das dinâmicas intergrupais, visto que houve uma emergência de identidade social comum (enquanto vítimas ou possíveis vítimas da crise, e enquanto membros da comunidade ameaçada) (Ntontis et al., 2018). Assim, este estudo reforça a importância de um sentido de destino comum para a mobilização dos vários membros de uma comunidade quando esta é alvo de um evento disruptivo (que põe em causa o lugar e respetivas estruturas funcionais, podendo implicar-se em relações de dependência do lugar (Mihaylov et al., 2021)) – mesmo que este evento não seja totalmente inesperado –, e para a atenuação de experiências negativas em contextos de crise e pós-crise (Ntontis et al., 2018).

CAPÍTULO II

Questões de Investigação e Objetivo

De acordo com a Revisão de Literatura, o aumento das práticas de mobilidade e respetiva acessibilidade facilitou a circulação de pessoas por períodos de curta e longa duração, com diferentes impactos tanto para quem se move como para os espaços sociais e geográficos envolvidos. Neste sentido, o paradigma da mobilidade evidencia a necessidade de explorar os fenómenos sociais considerando aspetos que vão além da fixidez geográfica. Assim, face ao aumento do turismo na última década, alguns bairros da cidade de Lisboa têm sido alvo de processos de turistificação - transformações que objetivam a atração turística e que se implicam no quotidiano dos seus residentes. Por outro lado, as relações pessoa-lugar e o modo como os lugares são percebidos e construídos socialmente refletem-se nas dinâmicas intergrupais e nas respostas a alterações nesse lugar.

Exposto isto, com o presente estudo pretendemos explorar a vinculação ao lugar e as relações intergrupais de residentes ‘tradicionais’ e migrantes da Mouraria, considerando as transformações que o bairro foi sofrendo ao longo do tempo no contexto da turistificação, com especial enfoque na adaptação de migrantes e nas consequências sociais da turistificação. Para alcançar este objetivo, e com base na literatura, adotámos uma abordagem epistemológica construtivista e uma abordagem metodológica qualitativa – entrevistas em movimento – no sentido de dar resposta a três perguntas de investigação que direcionaram o estudo:

1) Como é que diferentes percursos de mobilidade se relacionam com a vinculação ao lugar de migrantes que vivem na Mouraria, e qual é o papel dos residentes ‘tradicionais’ nesta relação?

2) Haverá uma perceção essencialista do lugar em relação ao bairro da Mouraria, especificamente dos moradores ‘tradicionais’? Se sim, qual é a sua implicação na aceitação de migrantes no mesmo?

3) De que modo é que fenómenos como a turistificação, através de uma perceção de destino comum, impactam as relações entre os residentes ‘tradicionais’ e os migrantes, considerando a potencial emergência de uma identidade social partilhada?

Os resultados obtidos com base nestas questões permitirão construir um entendimento mais abrangente sobre o impacto de diferentes trajetórias de mobilidade ao longo da vida no desenvolvimento da vinculação ao lugar, e sobre o impacto do processo de vinculação ao lugar

nas dinâmicas intergrupais, que pode ser especialmente relevante quando estes grupos são expostos a fenômenos que provocam alterações no lugar. Mais ainda, ao explorar a experiência vivida pelos participantes neste contexto, a investigação permitirá analisar diferentes dimensões e estilos da vinculação ao lugar, considerando fatores individuais, mas também sociopolíticos e culturais. Assim, tencionamos evidenciar a relevância do estudo de aspetos e dinâmicas de mobilidade, utilizando diferentes molduras teóricas – da Psicologia Ambiental, Comunitária e Intercultural -, e tendo em vista a compreensão de fatores que contribuem para a adaptação de pessoas migrantes e para as respostas comunitárias às consequências sociais da turistificação, através da vinculação ao lugar e das relações intergrupais.

CAPÍTULO III

Método

1. Contexto: Mouraria

Para alcançar os objetivos propostos e responder às questões de investigação (e dada a natureza qualitativa deste estudo), utilizámos um design de estudo de caso porque permite uma análise mais profunda de um contexto específico e complexo, possibilitando ainda um entendimento temporal do desenvolvimento deste contexto (Yin, 2013). Este método vai ao encontro do objetivo desta dissertação que inclui uma perspetiva mais processual, focada no desenvolvimento da vinculação ao lugar, ao longo de tempo. Neste sentido, o nosso estudo terá lugar no bairro da Mouraria, em Lisboa.

Embora este bairro tenha sido alvo de várias investigações recentes (e.g. Bettencourt & Castro, 2015; Tulumello & Allegretti, 2021), foi escolhido devido às suas características sociais e demográficas considerando os objetivos desta dissertação, e por ser um território familiar para a autora, que já tinha concretizado estudos com a comunidade local, através do estágio curricular numa das associações com mais expressão no bairro – a Associação Renovar a Mouraria. Esta proximidade com a comunidade local não só facilitou o processo de recrutamento de participantes, como contribuiu para a concretização de uma relação investigador-participante mais horizontal e de colaboração, que promove uma maior autenticidade nas respostas dos entrevistados (Neal et al., 2016). Segue-se uma breve apresentação da Mouraria.

A Mouraria é um bairro lisboeta, situado no centro da cidade. O nome, *Mouraria*, tem origem histórica, relacionada com a conquista da cidade de Lisboa, no século XII (Fonseca & McGarrigle, 2013; Malheiros et al., 2012). Atualmente, a Mouraria é um bairro extremamente diverso, caracterizado, simultaneamente, pelo seu tradicionalismo e pela sua multiculturalidade (Bettencourt & Castro, 2015).

No que diz respeito à vertente mais tradicional da Mouraria, a mesma expressa-se através de práticas culturais e religiosas, mas também da configuração física do bairro. Aquando do terramoto de 1755, em Lisboa, este espaço não sofreu muitos estragos, tendo mantido pequenos largos, situados entre ruas desordenadas e estreitas - algumas posteriormente alargadas de modo a facilitar a mobilidade e a saúde pública dos seus habitantes (Fonseca & McGarrigle, 2013; Tulumello & Allegretti, 2021). As marchas populares, ensaiadas atualmente no Grupo

Desportivo da Mouraria, são ainda uma das práticas mais ativas, a par com a cultura do Fado. Contam as vozes do bairro que o Fado nasceu na Mouraria, cantado por Maria Severa, residente local (Mendes, 2012). Outro marco do seu tradicionalismo é a festa e procissão da Nossa Senhora da Saúde, que se realiza anualmente, em maio, e se apresenta como expressão da religião católica (Mendes, 2012). Práticas de socialização no espaço público são, também, uma característica da Mouraria, apontada por moradores em estudos mais recentes (Bettencourt & Castro, 2015; Bettencourt et al., 2021).

Já a multiculturalidade e diversidade étnica da Mouraria têm acompanhado o seu desenvolvimento ao longo dos anos. O final do século XX, nomeadamente nas últimas três décadas, foi marcado por um grande fluxo de migrantes que tiveram como destino a Mouraria. Grande parte destes migrantes era proveniente de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), tendo a sua vinda coincido com o período final da Guerra Colonial portuguesa. Foi devido a habitações, na altura acessíveis em comparação a outras zonas da cidade – parcialmente por serem pequenas e em edifícios antigos, com poucas condições –, e a redes de apoio previamente estabelecidas que a Mouraria se tornou casa para muitos destes novos residentes (Malheiros et al., 2012). Mais tarde, no início do século XXI, a multiculturalidade continuou a crescer, desta vez com uma maior percentagem de migrantes de países asiáticos, como a China, o Bangladesh ou o Paquistão (Malheiros et al., 2012). Aliado a este panorama diverso no que diz respeito aos habitantes, também o comércio se foi dinamizando culturalmente (Fonseca & McGarrigle, 2013), sendo disso exemplos o Centro Comercial do Martim Moniz e os restaurantes de comida típica do Bangladesh, na Rua do Benfornoso.

Os referidos processos contribuíram para que a comunidade local se fosse tornando cada vez mais diversa, o que se apresenta como um dos traços valorizados da Mouraria (Mendes, 2012; Tulumello & Allegretti, 2021). Este é um argumento a favor da escolha deste bairro para a nossa investigação, visto que tencionamos estudar a adaptação de migrantes, ao explorar a vinculação ao lugar, considerando diferentes perfis de mobilidade, e as relações intergrupais entre residentes tradicionais e migrantes em contextos de turistificação.

Neste sentido, as condições deterioradas (tanto do edificado como do espaço público), o baixo nível socioeconómico das famílias da Mouraria, o tráfico e consumo de drogas, a insegurança percebida e o envelhecimento da população foram consideradas por entidades do Estado como exigindo mudanças de nível social e urbano (Câmara Municipal de Lisboa [CML], 2012). Consequentemente, foram desenvolvidas políticas de regeneração urbana na Mouraria, à semelhança de que ocorreu noutros bairros do centro histórico da cidade. Estas

transformações tinham como objetivo requalificar o espaço público, melhorar os serviços e a qualidade de vida dos seus habitantes (principalmente daqueles que se encontravam em situações de vulnerabilidade), e promover o empreendedorismo e a atividade turística na área (CML, 2012; Tulumello & Allegretti, 2021).

De um modo complementar, a recessão económica que teve início em 2008 levou à adoção de estratégias de dinamização turística com o objetivo de mitigar as consequências da crise, principalmente em países do sul da Europa como Portugal. Do mesmo modo, o investimento no setor imobiliário (concretamente nos estabelecimentos associados ao turismo, como os alojamentos locais) cresceu, por representar uma aposta segura em tempos de incerteza financeira (Mendes, 2017; Tulumello & Allegretti, 2021). Lisboa foi uma das cidades mais afetadas por este panorama e a Mouraria, enquanto bairro histórico desta cidade, foi também alvo destas estratégias (Baptista et al., 2018; Tulumello & Allegretti, 2021).

De facto, esta combinação de fatores resultou num incremento significativo do turismo na última década, que em poucos anos se tornou excessivo - por trazer consequências negativas (a vários níveis) para as populações locais e alterar as dinâmicas do funcionamento urbano desta cidade, tendo em vista o entretenimento e a atração turística. Neste sentido, o bairro da Mouraria tem sido alvo de um processo de turistificação (Daly et al., 2021; Tulumello & Allegretti, 2021), e por tal (a par com as características sociais e demográficas supramencionadas) apresenta-se como um estudo de caso apropriado, considerando que pretendemos explorar as respostas às alterações provocadas pela turistificação e os impactos sociais deste processo (Yin, 2013).

2. Participantes

Uma vez que é do nosso interesse compreender a adaptação de migrantes e o impacto da crescente turistificação no modo como os participantes se relacionam com o bairro e entre si, o tempo de residência na Mouraria é um fator de relevo. De acordo com Baptista e colaboradores/as (2018), houve um aumento expressivo dos indicadores turísticos entre 2014 e 2016. Neste sentido, considerámos pertinente entrevistar pessoas que vivem no bairro (no mínimo) desde 2014, para que tenham tido a oportunidade de experienciar viver na Mouraria antes do turismo ganhar mais expressão e, por tal, consigam identificar as alterações que advieram da turistificação. Com este estudo pretendemos aprofundar o modo como as diferentes trajetórias de vida dos participantes (Bailey et al., 2016) se implicam na sua relação com a Mouraria, mas também como é que diferentes “fases de vida” do bairro se vertem para as

vivências dos participantes, recorrendo, então, a uma visão dinâmica e sistémica da relação com o lugar (Risbeth, 2021).

Os participantes do presente estudo são, então, vinte moradores da Mouraria ($n = 20$) - onze residentes tradicionais e nove residentes migrantes. O primeiro grupo – residentes tradicionais (Malheiros et al., 2012) - é composto por pessoas de nacionalidade portuguesa que habitam o bairro há cerca de, pelo menos, 20 anos (Bettencourt et al., 2021). Este grupo é composto por sete participantes que se identificam com o género feminino e quatro participantes que se identificam com o género masculino. A média de idades dos participantes deste grupo é 53 anos, sendo que as idades variam entre os 18 e os 78 anos. De referir ainda que embora os critérios de inclusão definissem este grupo como participantes portugueses que vivem há cerca de 20 anos (pelo menos) na Mouraria, três destes são residentes há menos tempo (dois há 18 anos e uma há 15), mas foram incluídos no estudo após análise detalhada dos seus casos, visto que, apesar da residência propriamente dita ser há menos de 20 anos, considerámos que o seu contacto frequente com o território era suficiente para alcançar os objetivos propostos (visto que ou vivem e trabalham na Mouraria, ou já frequentavam o bairro antes de lá morar). Outro caso incluído foi o de um participante que cresceu na Mouraria, e embora se tenha mudado para outras cidades do país durante alguns anos, manteve sempre um contacto muito frequente com o bairro, visto que os pais residiam na Mouraria durante esse período. Assim, a média de tempo de residência no bairro é aproximadamente 41 anos, sendo que o mínimo são 15 anos e o máximo 78.

Já o segundo grupo considerado é constituído por pessoas em contexto de migração, que nasceram fora de Portugal e que vivem na Mouraria há cerca de, pelo menos, 8 anos. Este grupo é então constituído por oito participantes que se identificam com o género masculino e uma participante que se identifica com o género feminino. A maior parte destes participantes nasceu no Bangladesh ($n = 5$), e os restantes são originários de países diferentes: Argélia, Brasil, Nepal e Paquistão. As idades dos constituintes deste grupo variam entre 35 e 61 anos, sendo que a média se cifra nos 47 anos. No que respeita ao tempo de residência no bairro, este varia entre os 7 e os 32 anos, sendo que o único participante que vive na Mouraria há menos de 8 anos foi incluído no estudo porque a sua vida quotidiana ocorre maioritariamente neste território, e visto que tem um papel ativo na comunidade, estando assim a par dos desafios que se têm imposto ao longo dos anos e das alterações que o bairro tem sofrido. Assim, o tempo de residência dos moradores migrantes é, em média, 14 anos. Estes dados foram obtidos por meio de um

questionário sociodemográfico aplicado no início das entrevistas – com perguntas relativas à idade dos participantes, gênero, nacionalidade, e tempo de residência no bairro da Mouraria.

3. Instrumento e Procedimento da Recolha de Dados

Optámos pela utilização de métodos qualitativos que proporcionam uma melhor compreensão das experiências vividas pelos participantes e do modo como estas moldam processos de vinculação ao lugar e dinâmicas intergrupais e de adaptação a mudanças no lugar, ao longo do tempo (Bailey et al., 2016; Flick et al., 2019; Kim, 2021). Assim, a recolha dos dados foi feita por meio de entrevistas narrativas, e em movimento (Evans & Jones, 2011; Jovchelovich & Bauer, 2000; Petterson et al., 2012).

As entrevistas narrativas proporcionam uma maior agência aos entrevistados, visto que são estes que constroem a estrutura narrativa daquilo que estão dispostos a partilhar com o investigador, de acordo com perguntas mais abertas do tipo: “como é para si viver neste bairro?”. Assim, as perguntas neste tipo de instrumento surgem como motes ou pistas para direcionar a narrativa dos participantes para os temas das questões de investigação. Neste sentido, a elaboração do guião de entrevista pressupõe a definição de tópicos de exame, que serão endereçados através de questões imanentes – isto é, o investigador define temas que pretende explorar na entrevista, com base na literatura e nas suas questões de investigação, e prepara perguntas que possam elicitar estes tópicos, mas que devem ser adaptadas às narrativas dos seus participantes (Jovchelovich & Bauer, 2000).

As entrevistas em movimento são um método que pressupõe a realização de um percurso delineado pelo investigador ou pelos participantes, que permite que as entrevistas sejam informadas e estimuladas pelos traços físicos e sociais do lugar que está a ser percorrido (Jones et al., 2008). A investigação mostra que as entrevistas em movimento são indicadas para recolher dados sobre as dinâmicas comunitárias e a relação com os lugares onde ocorrem (Evans & Jones, 2011). Adicionalmente, as entrevistas em movimento permitem atribuir uma maior agência aos participantes (que podem escolher os lugares do bairro por onde vão passar), e permite que o entrevistador explore de uma forma mais profunda as vivências dos participantes e o modo como estes se relacionam com os lugares, mergulhando nos seus contextos (Flick et al., 2019).

Para esta investigação foi então elaborado um guião de entrevista, com base na literatura, que pressupôs a divisão da mesma em duas partes: uma primeira que tinha como objetivo explorar as trajetórias de vida pessoa-lugar dos participantes e os seus diferentes perfis de mobilidade (Bailey et al., 2016; Di Masso et al., 2019), e uma segunda mais centrada na relação

com o bairro da Mouraria. A primeira parte foi conduzida num lugar do bairro à escolha dos participantes, e a segunda desenvolveu-se ao longo de um trajeto pelo bairro, delineado também pelos participantes (Evans & Jones, 2011). De referir que, nesta investigação, a parte em movimento foi adaptada para o caso de residentes com mobilidade reduzida, que escolheram percursos mais curtos e acessíveis, que incluíam espaços ao ar livre onde se podiam sentar (Flick et al., 2019). O guião da entrevista encontra-se na secção de anexos e contém os diferentes blocos temáticos, respetivos objetivos e possíveis questões relacionadas (Anexo A).

No que respeita aos aspetos mais concretos do procedimento, foram realizadas duas entrevistas de pré-teste com residentes de ambos os grupos, de modo a testar o guião. Face aos resultados favoráveis do pré-teste, o guião manteve-se e deu-se início ao período de realização das entrevistas. Os participantes foram contactados para marcar as entrevistas de acordo com as suas disponibilidades, sendo logo informados do propósito do estudo, e de que teriam de delinear um trajeto que seria percorrido no decorrer da mesma. No início da entrevista foi distribuído um consentimento informado (Anexo B) que foi lido e assinado pelos participantes, e no final foi feito um *debriefing*, com espaço para os entrevistados acrescentarem informações, ou fazerem perguntas (caso desejassem). As entrevistas foram conduzidas em português ou inglês, consoante a preferência dos participantes, e o consentimento foi também facultado de acordo com a preferência linguística. A duração média das entrevistas foi 45 minutos, e estas foram realizadas entre abril e junho de 2022. De referir ainda que todas as entrevistas foram gravadas, bem como os trajetos pelo bairro, de modo a ser possível localizar referências geográficas e aspetos relacionados com o percurso, durante a transcrição (Jones et al., 2008). Este projeto foi aprovado pela Comissão de Ética do ISCTE, a 4 de abril de 2022 (Parecer 35/2022).

4. Análise dos Dados

Os dados recolhidos nas entrevistas foram analisados através de uma Análise Temática (Braun & Clarke, 2006). Este método de análise permite-nos alcançar os objetivos propostos para esta dissertação, visto que tencionamos explorar processos sociopsicológicos através de uma perspetiva construtivista e experiencial, em que nos interessa compreender como é que diferentes contextos contribuem para o modo como as pessoas atribuem significado aos lugares e a grupos que as rodeiam e, conseqüentemente, interpretar como é que constroem a realidade social – o que pode ajudar no entendimento de respostas a transformações e mudanças nessa realidade construída (Levitt et al., 2018; Terry et al., 2017). Neste sentido, a análise temática

contribuiu para a elaboração de respostas às nossas perguntas de investigação, de natureza construtivista, visto tratar-se de um método de análise que permite a significação de partes das entrevistas (por meio da codificação de extratos) e posterior organização desses significados em temas, cujas associações são ilustradas num mapa conceptual de resultados (sempre de acordo com as perguntas de investigação) (Braun & Clarke, 2006; Terry et al., 2017). Assim, podemos afirmar que o método de análise qualitativa utilizado neste estudo está mais associado a um paradigma de investigação fenomenológico e construtivista, que não procura alcançar uma verdade absoluta, mas que assume o papel do investigador na interpretação dos fenómenos sociais – pelo que entende que a sua subjetividade é inerente ao processo de análise (Terry et al., 2017). Contudo, é necessário garantir a qualidade e o rigor científico da investigação, que no contexto desta análise é alcançado pela sistematização do procedimento, e transparência nos processos e escolhas feitas pela investigadora, que devem ser informados por evidências científicas (Braun & Clarke, 2006; Levitt et al., 2018; Terry et al., 2017). O processo de análise do presente estudo será, então, explicitado de seguida.

A primeira fase da análise consistiu na familiarização com os dados recolhidos (Braun & Clarke, 2006). Neste caso, a familiarização começou com a recolha de dados e com a transcrição das entrevistas (visto que ambas as etapas foram totalmente realizadas pela autora desta dissertação). No final de cada entrevista, as gravações foram reproduzidas na íntegra para garantir a qualidade das mesmas e, posteriormente transcritas. Apesar de trabalhosa, esta etapa contribuiu para a familiarização com os dados, visto que à medida que as entrevistas iam sendo transcritas (considerando sempre os trajetos realizados que contribuíram para o enriquecimento dos dados), informações relevantes e ideias sobre os códigos iam sendo anotadas, e os conteúdos das entrevistas iam-se interiorizando. De seguida, com base nas perguntas de investigação e na revisão de literatura (e.g. Scannell & Gifford, 2010; Bailey et al., 2021), partes das entrevistas foram organizadas em secções que facilitaram a familiarização e navegação na extensa base de dados. Esta etapa de carácter dedutivo (que não está descrita nas fases formais da análise temática) foi efetuada através do software NVIVO e facilitou a posterior codificação dos extratos relevantes.

Durante a codificação (Braun & Clarke, 2006), verificou-se um padrão nas codificações dos extratos dos participantes migrantes, e outro no que diz respeito aos extratos dos residentes tradicionais. Em congruência com as questões de investigação, decidiu-se analisar e codificar as entrevistas dos dois grupos em separado, visto auxiliar no processo de interpretação e codificação dos extratos. Esta decisão foi ainda informada pelos diferentes perfis de mobilidade

que resultaram da primeira parte das entrevistas, e que será explicada com mais detalhe no capítulo dos resultados.

Finda a etapa da codificação propriamente dita (que foi um processo maioritariamente indutivo e independente das secções de organização supramencionadas), procedeu-se à procura de possíveis temas com base nos códigos gerados (Braun & Clarke, 2006). Neste sentido, importa salientar que em alguns casos, os códigos gerados pelos extratos das entrevistas de residentes migrantes coincidiram com códigos resultantes das entrevistas de residentes tradicionais, pelo que foram organizados em temas comuns. Foi então realizada uma revisão dos temas, comparando-os com os extratos significativos e com as perguntas de investigação – que permitiu um primeiro esboço do mapa conceptual de resultados. Por fim, a escrita da secção de resultados foi sendo realizada e alterada a par com a definição e nomeação dos temas e subtemas resultantes da análise, que foram organizados no mapa conceptual final. Os resultados desta análise serão, então, descritos no próximo capítulo.

CAPÍTULO IV

Resultados

1. Trajetórias de Mobilidade

Na primeira parte das entrevistas, foi pedido aos participantes que falassem sobre os seus percursos de vida, considerando os lugares por onde passaram, ou que tenham sido significativos para si ao longo da vida, com o objetivo de compreender as trajetórias pessoa-lugar e os perfis de mobilidade de cada participante. Com base nas respostas a esta pergunta, verificou-se que os moradores tradicionais apresentavam um percurso de mobilidade mais homogêneo que os residentes migrantes, no que respeita a pluralidade de países em que viveram (ver Figura IV.1).

De todos os participantes portugueses – aqui definidos como nascidos em Portugal -, apenas uma relatou ter vivido sempre na Mouraria (P5). Os restantes viveram em diferentes lugares, localizados maioritariamente em Portugal - um dos participantes viveu cerca de dez anos na Guiné-Bissau (P8), voltando de seguida à Mouraria (onde nasceu), e outra viveu em Montreal, no Canadá, durante dois anos, regressando a Lisboa após este período (P1). Dos restantes residentes tradicionais, uns nasceram na Mouraria e mudaram-se para outras cidades do país ou regiões da cidade de Lisboa por razões profissionais, ou relacionadas com pessoas que lhes eram próximas (regressando posteriormente à Mouraria) (P0.2, P11, P18); outros nasceram fora da capital, tendo-se mudado para estudar, trabalhar, ou depois de ter casado (P2, P3, P4, P7, P12).

Ao analisar as respostas dos participantes migrantes, verificaram-se trajetórias de mobilidade mais dispersas, como esperado. Todos nasceram fora da Europa e viveram em mais do que um sítio antes de vir para Portugal. Destes, dois viveram apenas no país de origem, tendo mudado várias vezes de cidade dentro do mesmo (P10, P14), e todos os outros tiveram, pelo menos, duas experiências de residência em países diferentes, antes de vir para a Mouraria (ver Figura IV.1).

Neste sentido, e considerando as perguntas de investigação, nas próximas secções (que correspondem a temas e subtemas da análise temática) apresentaremos primeiro os resultados referentes aos participantes migrantes e de seguida os que dizem respeito aos residentes tradicionais. No final, apresentaremos aqueles que concernem à turistificação, quer do ponto de vista dos residentes migrantes, como dos tradicionais.

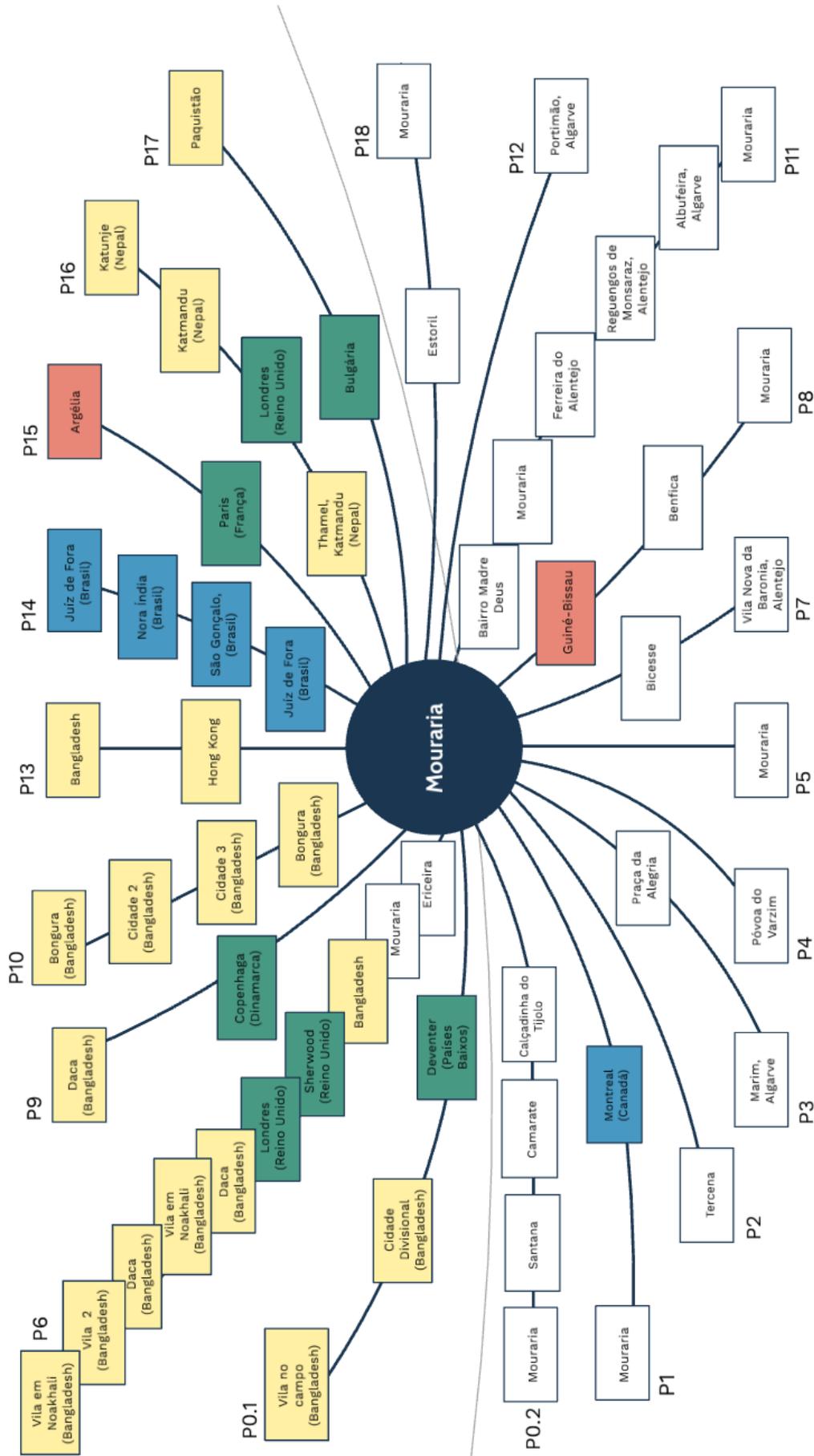


Figura IV.1 – Trajetos de mobilidade dos participantes (em relação à linha cinzenta, os trajetos dos residentes migrantes encontram-se em cima e os tradicionais em baixo).

2. Residentes Migrantes

2.1. Fatores de proximidade cultural

Um dos principais temas focados pelos residentes migrantes no decorrer das entrevistas foram questões de proximidade com a cultura de origem dos mesmos. Estes resultados vão ao encontro da literatura, que sugere que a manutenção da cultura de origem é uma das dimensões que define as estratégias de aculturação (Berry, 2006). Na secção que se segue, iremos apresentar exemplos de extratos que remetem para uma familiaridade cultural que transmite uma sensação de bem-estar aos participantes e permite-lhes ‘sentirem-se em casa’, como enfatizado no Extrato 1 abaixo. Neste extrato o participante referiu ainda uma zona específica - a Rua do Benfornoso - à qual se refere como “Bangla Town”, salientando a forte identidade cultural e territorial desta zona da Mouraria:

Extrato 1 ²- *Yes! Bangla Town, it means... We feel like home. It's because you can see this kind of shop, this kind of grocery shop. You can get all kinds of things that is available in my country, you understand? So, we use to take a lot of Massala, different Massalas, we can get all these kinds of Massalas from this shop, they are importing this so I don't... Sometimes people, when they are abroad they miss their food, you know, their culture, their people, a lot of things, but if I walk through this road I don't feel that I'm abroad or something like this.* (P0.1), (M)

Neste caso, o participante remete para a existência de um lugar no bairro onde pode estar próximo dos produtos, das pessoas e das práticas culturais do Bangladesh, e que isso lhe transmite uma sensação positiva de “estar em casa”, sem que sinta falta da sua cultura. Dentro deste tema, os participantes mencionaram ainda o facto de existirem duas mesquitas na Mouraria, onde podem pôr em prática a sua religião: Extrato 2 - *I'm a Muslim religious, there is a Mosque. I can pray to God here, when I have time. I['m] not regular in Mosque, but Friday most people gather there, I'm often there.* (P9), (M)

Alguns destes moradores falaram sobre como esta identidade cultural e territorial que identificam na Mouraria não advém só daquilo que encontram na ‘Bangla Town’ do presente, mas também do passado, criando uma continuidade histórica da presença cultural-religiosa de muçulmanos na Mouraria, inserida no próprio nome do bairro. O extrato seguinte apresenta uma parte da entrevista em que, deliberadamente, o participante falou sobre as origens do bairro:

² Todos os extratos apresentados a longo deste capítulo serão numerados e os aspetos mais importantes, que são o foco de análise, estarão sublinhados. Adicionalmente, no final terão indicação sobre se são referentes a participantes migrantes (M) ou tradicionais (T).

Extrato 3 - *And I also know about Mouraria history, mainly actually Martim Moniz is an historical place, there is a person in Christians, Martim Moniz. (. . . .) He died, Martim Moniz, in the gate, maybe I know no one killed him... there is a... closing the door of the castle and there was an accident and he died, and he married to a Spanish girl. I know somethings, this is the history of this area and, that time, lot of people... Muslims also died here. (. . . .) After that the Christians won the war and they established their religion here, yeah, this is the history and Mouraria is actually one of the area where there is no historical place like this, Mouraria. (P9), (M)*

Para além de narrarem acontecimentos históricos dos quais têm conhecimento, foram vários os migrantes que se identificaram com estes relatos, através da sua religião. Para eles, faz sentido viverem ali e fazerem parte da comunidade naquele local – visto que a história do bairro está relacionada com a sua cultura: Extrato 4 - *Esta zona é historical [histórica] e também... Esta história, como é que se chama, “connecting” a nossa religião, também a Mouraria.” (P10), (M)* Assim, os participantes procuraram conhecer mais sobre as raízes históricas do bairro e sobre aquilo que os liga a este espaço. Esta é uma das três formas de restabelecer um sentido de continuidade própria (Twigger-Ross & Uzzell, 1996), na sequência de uma mudança de lugar - através da exploração da história local (Lewicka, 2021).

Assim, a existência de uma forte comunidade de migrantes na Mouraria promove oportunidades para realizar práticas sociais e culturais como, por exemplo, festejar feriados nacionais do país de origem dos participantes. O papel desta comunidade reforça a importância de fatores contextuais no processo de adaptação a uma nova cultura (Ward et al., 2010). Da mesma forma, a multiculturalidade - que segundo os participantes descreve a Mouraria - contribui para que sentimentos negativos, frequentemente associados à condição de migrante, sejam menos impactantes:

Extrato 5 - *This is like multicultural here, you know? We don't feel like alone as if we go to “campo”, you know? A village, where they live just Portuguese or other people. Is little bit difficult by nature to adjust: like language wise, traditions, or maybe culture or some... something, you know? (. . . .)*

Is not only the shops or works... Is from the inside, you know? If you have similar kind of the culture, like Indian, Bangladeshi, Nepalese, like south Asian there are similarities, some sort of language and other similarities. Just in terms of that way... I don't mind to live with Portuguese and other people also, but all the time is difficult and that's why prefer to live around this bairro. And it's now my place, it has been 8 years I'm living here. (P16), (M)

Muitos destes residentes tiveram oportunidade de se manter próximos da cultura do seu país de origem, por viverem na Mouraria. Esta vivência transmitiu-lhes uma sensação de “estar em casa”. Muitos afirmaram ter uma relação afetiva forte com aquele lugar, marcada por etapas de vida que ali experienciaram. Todos os migrantes entrevistados referiram que o bairro é significativo para eles. A maior parte afirmou, ainda, que pretende continuar a viver na Mouraria e que, caso tenha de sair do país, tenciona voltar. Neste sentido, associados a estratégias de aculturação marcadas pela manutenção da herança cultural, verificam-se traços de um estilo de vinculação tradicional (Lewicka, 2011b). A vinculação ao bairro estabelece-se através das práticas do dia-a-dia, e de uma comunidade de proximidade e suporte social. Esta sensação de “casa” transmite a ideia de que, embora se tenham movido para outro país, estes migrantes encontraram na Mouraria aquilo que tinham no seu país de origem, como se a vinculação àquilo que consideram “casa” se mantivesse, de um modo tradicional. Esta sensação contribui, em alguns casos, para uma forte intenção de ficar neste lugar, que, por sua vez, os mantém próximos das suas raízes e já faz parte das suas vidas:

Extrato 6 - And the other thing is, like normally Bangladeshi people, when they became old, they go to Bangladesh and they die. That dead body goes to Bangladesh. But I told my neighbors if I die to bury me in that [this] soil. (P6), (M)

2.2. Perceções sobre os residentes tradicionais

Os participantes migrantes distinguem-se pela riqueza dos seus percursos de mobilidade, que incluem várias experiências de residência. Foram, portanto, reportadas situações em que a Mouraria foi comparada a outros lugares. Os participantes identificaram aspetos, físicos e sociais, que favorecem uma experiência de residência positiva. Foram vários os que destacaram o papel dos residentes tradicionais, essencialmente no que respeita a liberdade de expressão cultural sentida. Um dos participantes compara a sua experiência em Portugal com aquela que viveu na Dinamarca:

Extrato 7 - That is very cold country Denmark and when I came here I liked, some light and, I tell you, too much hot, and everything is cheaper and maybe, another thing, there is the opportunity to get the immigration paper here very easily (. . .). So, I applied here, and I talk with my brother: “I like too much Portugal, is very nice, people is also nice, everything is cheaper, sunlight”, because Denmark is very cold, people also very cold, so I forget study in Denmark. (. . .) And then I got passport I am now very happy and Portuguese people also very nice, they are not like Danish people. This is the reason why I am in here. (P9), (M)

Neste extrato, podemos identificar considerações sobre os moradores portugueses, enquanto comunidade de acolhimento. Na generalidade, os participantes descrevem-nos como simpáticos, dispostos a receber novas pessoas e a conviver com elas, como exemplifica o seguinte excerto:

Extrato 8 - *A única razão é que os portugueses são mesmo mais amigáveis, português é mesmo mais sociável, menos racista e por isso que as pessoas têm vantagem e oportunidade para juntar, trabalhar, faz uma solidariedade com os outros, é isso que fazemos.* (P13), (M)

Nesta descrição, os portugueses são conotados positivamente por terem uma maior facilidade em estabelecer relações com os migrantes, desprovidas de racismo e abertas a novas culturas. Esta liberdade cultural é expressa por mais do que um participante, como se pode verificar de seguida:

Extrato 9 - *Yes, I think, even though, like everybody, we also have some complaints about the facilities, about some neighbours are not same way connected. But the thing is we strongly believe being an outsider immigrant, that way with that much freedom we're living in this neighbourhood, we should appreciate it.* (P6), (M)

Contudo, este extrato aponta ainda para um sentimento de gratidão inerente à condição de migrante do participante - e associado à não contestação. Dá a entender que tem algumas críticas - “we also have some complaints” (Extrato 9), mas que não sente que deve expressá-las por estar numa situação de liberdade cultural - possibilitada pelos portugueses. Neste sentido, coloca-se numa posição de inferioridade - “we should appreciate it” (Extrato 9) - em relação ao grupo que permite as suas práticas culturais por ser um “outsider immigrant” (Extrato 9). Esta forma de apresentar os portugueses enquanto comunidade de acolhimento remete para o luso-tropicalismo, ou seja, e como discutido por Valentim e Heleno (2018), a representação do português como dotado em estabelecer relações harmoniosas com pessoas naturais dos trópicos, isentas de discriminação. Este tipo de representação tem estado recentemente em discussão pública em Portugal por reforçar relações de racismo estruturais, facilitando preconceito e atitudes negativas face ao outro - por promoverem uma ideia inicial de benevolência atribuída ao português. Este tipo de representação e práticas relacionadas pode tornar-se um obstáculo à contestação do racismo, xenofobia e desigualdades sociais associadas, face a expressões de discriminação mais subtis (Ellemers & Barreto, 2009). O exemplo que se segue é ilustrativo:

Extrato 10 - *In the line [of an association in the neighbourhood where the staff distributed emergency Bangla food], when we distribute the food, there is homeless people, prostitutes, immigrants, local people, so the neighbours, people who are living*

in this neighbourhood, they feel shy to be in the line. So, they come to us before or after: [saying] ok, we also need this support, but we can not be in the same line where there's lots of mixed people. Then we said: "ok, no problem, if you need just let us know, we will put it to your house". She is one of these beneficiaries that is receiving support from us but she doesn't need to be in the line. Like her there are some others like 10/12 neighbours that don't want to be in the line, but they want to get the support, do you understand? (P0.1), (M)

Neste caso, o participante abordou a situação de alguns vizinhos que precisam de ajuda, mas não querem ser vistos na fila para ir buscar alimentos à associação. Como justificação, a vizinha explicou a este residente migrante que não queria ser vista numa fila com pessoas de grupos tão diversos. Ao expressar que não quer estar na fila – composta por imigrantes, prostitutas, pessoas em situação de sem-abrigo, entre outras que se encontram em situações mais vulneráveis - esta vizinha revela sentir vergonha, provavelmente por estar numa situação de pobreza extrema, mas também, como apontado no Extrato 10, por estar na mesma situação que essas pessoas de outros grupos minoritários ou tendencialmente marginalizados na sociedade, e por isso poder ser vista como elas. No entanto, neste caso são também migrantes que providenciam este apoio, encontrando-se assim estes migrantes numa situação em que são vistos como o Outro, enquanto prestam apoio social essencial - o que claramente terá impacto na sua adaptação a esta comunidade (Bierwiazzonek & Waldzus, 2016).

Remetendo novamente para o Extrato 9, em que o participante refere possíveis críticas a apontar, foram vários os participantes que falaram de problemas sociais do bairro associados à limpeza do espaço público e à criminalidade, com destaque para o consumo de drogas e a prostituição. Apesar de considerarem que a Mouraria precisa de se desenvolver em relação a estes aspetos, referiram que houve uma evolução em comparação àquilo que encontraram quando chegaram a Portugal e, neste sentido, apresentam perceções em relação ao bairro semelhantes às de muitos residentes tradicionais.

2.3. Participação ativa na comunidade local

Um outro tema relevante que surgiu nas entrevistas com migrantes aponta para uma relação com o bairro refletida, e trabalhada pelos participantes através de comportamentos que contribuem para a comunidade local. Primeiramente, alguns participantes (naturais do Bangladesh) referiram estar afiliados ao Partido Socialista, tendo um papel ativo nas campanhas eleitorais e na representação política da comunidade do Bangladesh em Portugal, com uma participação ao nível local.

Para além disso, de entre os participantes migrantes, alguns afirmaram ter fundado associações de cariz social. Algumas destas associações destinavam-se particularmente a migrantes, oferecendo serviços de apoio à integração como: aulas de português, apoio jurídico no que respeita processos de legalização, e empregabilidade. Porém, algumas ampliaram o público-alvo à comunidade local no seu todo, oferecendo suporte e alimentação a pessoas que se encontram em situações desfavorecidas, em alguns casos agravadas pela pandemia COVID-19. Neste contexto, adequa-se o modelo de Ntontis et al. (2018), que remete para um sentido de destino comum, que contribui para o aparecimento de uma identidade social partilhada entre grupos. Neste caso, e como vimos acima no Extrato 10, o ativismo social dos migrantes acabou por se estender a toda a comunidade local, quando foram identificadas dificuldades transversais a todos os tipos de residentes daquele lugar. O critério para oferecer apoio não depende do grupo a que pertencem (serem ou não migrantes), mas de viverem naquele território e precisarem de ajuda - um destino comum. No extrato seguinte, o participante fala de uma situação correspondente:

Extrato 11 - Naquela altura, 6 mil cachecol foi distribuído naquela Mouraria, na associação de Fado. Eu disse que estes cachecóis é para moradores, distribuam para salvar deste frio. Depois, às vezes, eu comprei comida de Pingo Doce, sacos, grandes sacos, 2 ou 3, e entreguei também àquela associação Fado, para distribuir às pessoas.
(P13), (M)

Concomitantemente, alguns entrevistados referiram outro tipo de ativismo social, menos formal por não pressupor qualquer vínculo a uma associação ou partido político. Um deles, dono de um estabelecimento no bairro, referiu ter oferecido um almoço às senhoras que vivem na Mouraria há mais tempo, para que pudessem experimentar uma oferta gastronómica diferente – a do seu restaurante:

Extrato 12 - (...) querendo ou não, elas estão acostumadas com uma outra cena, não é? Outro valor de comida, não sei... nunca provaram, sei lá, se calhar uma comida um bocado mais diferente e a gente fez isso com elas, que foi muita fixe, que elas adoraram.
(P14), (M)

Outro, por ser dono de um minimercado no bairro, teve um contacto muito próximo com residentes tradicionais portugueses (seus clientes), principalmente de uma faixa etária mais elevada. Este participante, morador da Mouraria há cerca de dez anos, relatou ter criado uma relação de proximidade com estas pessoas, que por serem mais idosas e se encontrarem sozinhas precisavam de auxílio. Começou por levar as compras a casa das senhoras e ajudá-las com descontos nos produtos, quando sabia que viviam numa situação muito precária. Afirmou

sentir-se orgulhoso por auxiliar estas pessoas. As ações supracitadas contribuíram para ajudar membros da comunidade local, que foram aqueles com quem o residente estabeleceu uma relação mais forte, mas também para que se sentisse mais integrado no bairro:

Extrato 13 - *Mostly women came my shop and buy, like fruits and other things, and I always helped taking the bags. (. . .) They didn't need to come here. Some old women were living near Largo da Achada and in same building. Others in "Farinhas, Rua das Farinhas". And, these old ladies were like 80 years, 90 years, and I feel very proud when I helped them, that ladies... (. . .) They died, they were very old, mostly died, 90 percent died but still they are always in my eyes because I respect too much and they loved me also too much (...).* (P17), (M)

Assim, através dos excertos apresentados, verifica-se uma componente mais ativa da vinculação destes residentes ao bairro da Mouraria. Através do suporte social e do associativismo, estes participantes contribuíram ativamente para o bem comum da comunidade (Lewicka, 2011b), que neste caso inclui os residentes tradicionais. Mais ainda, promoveram redes de apoio e relações de vizinhança que representam um traço marcante do bairro, e que são percecionadas como tendo desaparecido ao longo do tempo, como iremos ver de seguida. Neste sentido, podemos afirmar que a maior parte dos migrantes apresenta um estilo de vinculação híbrido tradicional-ativa (Bailey et al., 2016), que tanto tem uma componente tradicional associada ao “sentimento de estar em casa”, devido ao acesso à proximidade cultural, como uma mais ativa, relacionada com a participação ativa na comunidade. Estes migrantes contribuíram ainda para o enriquecimento cultural da população local que, da perspetiva desta residente tradicional, ocorre frequentemente e de forma quase inconsciente:

Extrato 14 - (...) *a verdade é que, no dia-a-dia, a coexistência é super pacífica e existem trocas culturais, porque estas pessoas, ninguém nunca teria provado uma chamuça, ou ouvido música de Bollywood, se não vivesse aqui. E é quase... entra-te quase pela casa adentro, estás a ver? E eu isso acho super interessante, não sei que nome é que isto tem...* (P12), (T)

Extratos deste tipo realçam a mutualidade dos processos de aculturação, que não são exclusivos daqueles que chegam, mas que se refletem, também, no dia-a-dia da população que acolhe pessoas de diferentes culturas (Berry, 2006).

3. Residentes Tradicionais

3.1. Fatores individuais e funcionalidade do bairro

No que respeita os residentes tradicionais, apenas um negou sentir uma ligação com o bairro, afirmando que, apesar de se sentir bem em casa, não sentia nada em estar no bairro em si. Dentro dos estilos de não vinculação, consideramos que aquele que melhor corresponde a este participante é o de relatividade - é o mais novo dos entrevistados e durante a entrevista raramente mencionou relações de vizinhança, referindo que só vive na Mouraria porque mora lá com a mãe (Lewicka, 2011b; Bailey et al., 2021). Todos os outros moradores tradicionais afirmaram ter uma relação forte com o bairro, frequentemente alicerçada em marcos de vida que ocorreram naquele lugar:

Extrato 15 - *Eu acho que descrevo a minha ligação na medida em que eu nasci aqui e aqui tenho tudo, tudo, aqui tive tudo. Enfim, tive os meus filhos, os meus filhos brincaram aqui, andaram aqui na escola e pronto, e eu... e eu enfiuei com 46 anos e aqui fiquei. (P1), (T)*

Extrato 16 - *Isto é assim... para mim é tudo, a Mouraria é onde eu me descrevo desde que mexi os pés pela primeira vez até se calhar a minha morte, percebes? A Mouraria é o meu pai, a minha mãe, porque tanto um como o outro são da Mouraria... a Mouraria para mim é a vivência de vida da minha avó, Mouraria para mim é a minha vivência com o meu irmão, que Deus tem, porque já não o tenho comigo... a Mouraria para mim é, sem dúvida a minha vida, pondo as outras coisas à parte, logicamente.* (P5), (T)

Por viverem há muitos anos no bairro, as etapas de vida mais marcantes são associadas à Mouraria, bem como as vidas familiares e profissionais que ganharam forma naquele lugar. Estes participantes reforçaram a vontade de permanecer no bairro, quase como se a sua vida fosse indissociável da Mouraria e daquilo que esta representa (Extrato 16). Outro aspeto frequentemente mencionado pelos participantes é a acessibilidade que o bairro lhes proporciona, associada a uma ideia de liberdade (Extrato 17). Sentem que se podem mover facilmente – devido à proximidade dos transportes e dos serviços relevantes –, e que é possível adquirir aquilo que precisam num sítio relativamente próximo das suas casas (Extrato 18). Neste sentido, podemos dizer que a Mouraria tem estabelecimentos comerciais e serviços que vão ao encontro das necessidades dos moradores, o que é especialmente relevante para residentes de faixas etárias mais elevadas, que assim podem viver de forma mais independente (Extrato 17). O conjunto de extratos que se segue é ilustrativo:

Extrato 17 - É muito bom, temos acesso lá abaixo, aqui, tudo, é as escadinhas diretas ao Martim Moniz, diretas à Praça da Figueira, diretas à Rua da Madalena, vamos, meia dúzia de velhotas, somos umas 6, vamos passear, todos os dias damos aqui uma voltinha, bebemos um café, vamos ali para a Rua da Palma e é o dia-a-dia, temos aqui uma igreja à frente, esta rua é onde eu moro (...). (P2), (T)

Extrato 18 - E depois há outra coisa super engraçada, é que se tu quiseres, tudo o que tu precisas na vida, existe na Mouraria: há uma loja de ferragens, o sapateiro, há o que cose as malas, portanto, desde os serviços mais antigos aos mais recentes. Portanto, de facto, consegues viver aqui de forma quase autossuficiente e eu, não vivendo 100% autossuficiente aqui, na minha semana é isso que acontece. (P12), (T)

Esta vertente funcional do bairro, que permite aos seus residentes fazerem a vida quotidiana sem que tenham de sair da Mouraria, contribui para um ambiente social de familiaridade e convívio - visto que as pessoas se cruzam frequentemente nos mesmo lugares e vão acabando por se conhecer (Seamon, 2021). Neste sentido, os espaços públicos representam lugares importantes no bairro, ligados à sociabilidade (Bettencourt et al., 2021), e a existência de serviços que possibilitam a autossuficiência permite também aos residentes tradicionais mais idosos manter a sua identidade pessoal como pessoas autónomas e integradas na vida da comunidade - tal como verificado anteriormente para os migrantes, visto o bairro permitir que mantenham a sua autonomia cultural ao mesmo tempo que se sentem integrados na comunidade.

3.2. Familiaridade e bairrismo

A familiaridade foi frequentemente referida pelos residentes tradicionais, associada ainda a um espírito de entreatajuda. Por exemplo: Extrato 19 - Porque eu, como ainda posso, ainda faço eu muitas vezes uma sopinha, algum comer, à senhora do 3º andar, que não tem necessidade, mas já não sai de casa e custa-lhe andar há três anos. (P2), (T) As relações de vizinhança são marcadas por redes de suporte que fazem até parte do dia-a-dia dos residentes, como exemplifica o seguinte extrato:

Extrato 20 - Sim, éramos amigas... Sim, sim, sim... e ela coitada está em casa não pode sair de casa, o marido está acamado e eu é que lhe vou às compras, eu é que vou buscar o que ela precisa. Por isso eu de manhã tenho a minha vida ocupada. (P3), (T)

De referir, ainda, que não são apenas os moradores tradicionais que identificam esta dinâmica social de proximidade – alguns residentes migrantes associaram também esta familiaridade ao facto de gostarem de viver no bairro:

Extrato 21 - *Então, essa é uma das coisas que eu gosto de estar aqui, é, sinto-me mesmo em casa, a andar, sempre paro para cumprimentar pessoal, então é por isso que eu trouxe aqui você, que eu morava mesmo nesse apartamento aqui (. . . .) Parece que eu estou em casa, parece que eu estou... porque todas as pessoas aqui são meus parentes e todos querem se ajudar (...)*. (P14), (M)

Paralelamente, os participantes referiram que a vida social que associam ao bairro se equipara àquela que se vive numa aldeia, como se se tratasse de um lugar à parte, dentro da cidade de Lisboa - Sequera e Nofre, (2019) identificaram o mesmo padrão. O extrato que se segue é ilustrativo:

Extrato 22 - *Quando eu saía à rua e como... havia tanta gente a viver ali, tantos velhotes... eles gostavam de conversar e então era tipo: “bom dia, boa tarde, não sei quê!”. Queriam, queriam conhecer as pessoas e... e então era aí esse ambiente de aldeia que foi muito caloroso, no meio... às vezes a cidade pode ser assim um bocadinho agreste, não é? Mas foi o que me fez mesmo apaixonar pelo bairro... (ri-se)*. (P4), (T)

Esta descrição social da Mouraria vai ao encontro daquilo que é descrito na literatura como “Urban Villages”, que se distingue por uma dinâmica local e de reciprocidade, tanto ao nível funcional como das relações pessoais, e que ocorre no meio da cidade (Aramayona & Batel, 2022; Zukin, 2010). Os participantes deste estudo utilizaram frequentemente a palavra “bairrista” para descrever este ambiente, que é associado a um sentimento de orgulho e àquilo que tem caracterizado o bairro ao longo dos anos.

De referir, ainda, que a Mouraria é considerada um bairro típico português, repleto de tradições como as festas e as marchas populares, o fado e as festividades associadas à religião católica - como, de resto, aponta a literatura (Bettencourt & Castro, 2015; Mendes, 2012). O extrato que se segue, é exemplificativo:

Extrato 23 - (...) *é a zona da Mouraria propriamente dita, que é ali o Largo da Severa, que nós já vamos lá passar no final, que é o coração do bairro tradicional, ligado ao Fado e à marcha e, portanto, tudo isso que são os ícones bairristas e do bairro mais antigo de Lisboa como a Mouraria, que ainda existem tão vivos no coração dessa comunidade portuguesa, diria assim (...)*. (P12), (T)

Contudo, verifica-se uma certa nostalgia no que diz respeito a este “bairrismo”. Os residentes tradicionais que entrevistámos falam frequentemente de duas Mourarias diferentes: quando mencionam a familiaridade e os laços de vizinhança profundos, referem-se a uma Mouraria de antigamente, que está a desaparecer, dando lugar a uma nova, mais vazia e desprovida deste estilo de vida. Esta perceção de que a Mouraria tem uma essência, que ao

deixar de existir põe em causa a sua identidade e dá origem a uma Mouraria diferente, pode ser interpretada como uma essencialização deste lugar (Batel et al., 2015; Gelman, 2003; Wnuk et al., 2021). Os extratos seguintes são exemplo daquilo que foi descrito:

Extrato 24 - *Pá, não tens... E perdeu-se muito essa mística, perdeu-se... Por exemplo, os velhos antes jogavam ao dominó ao final da tarde nos cafés, esses cafés próprios desapareceram. Tens aqui o caso do Sr. Costa que ainda manteve, porque comprou, e agora vês, olha: é o “for taste”, é os “brunchs”, é... estas coisas. Perdeu-se muito isso. (P8), (T)*

Extrato 25 - *Por exemplo, ali naquela esquina tinhas um talho, onde tinhas aquelas grades pretas, onde a minha avó dizia: "olha vai lá ao Sr Nofre e traz lá 3 bifinhos". Eu chegava, ele sabia que a minha avó era uma pessoa com poucas posses e tal, e em vez de 3 bifinhos dava sempre mais alguma coisa. São estas vivências que hoje em dia não há. (P5), (T)*

Extrato 26 - *Ai, olhe, uma maravilha. Era uma maravilha. Era muito público. Era: você chegava aqui e conhecia toda a gente. Você chegava aqui, procurava por mim e eu chegava ali e você perguntava-me por fulano ou beltrano, e eu sabia responder tudo. E agora não conheço ninguém. (P3), (T)*

Extrato 27 - *Não afetam... quero dizer, é assim: as coisas estão diferentes, não é? Eu, por enquanto, ainda não perdi a vontade de estar aqui. Ainda gosto, ainda gosto, ainda, porque nós tentamos por tudo que o bairrismo prevaleça, não é? Mas já falta aqui muita gente do bairro, não é? Já se nota isso. (P7), (T)*

Esta perceção de que a Mouraria tem uma essência baseia-se no estilo de vida “bairrista” que está, agora, a ser posto em causa – e que ao desaparecer leva o bairro a perder aquilo que o caracteriza, transformando-o num novo lugar, diferente daquilo que era antes (Gelman, 2003). Para além da vida social e dos estabelecimentos que em parte a proporcionavam, aquilo que faz falta a estes residentes são os antigos moradores, algo que será aprofundado nas próximas secções.

3.3. Perceções sobre a multiculturalidade

Nesta linha de pensamento, alguns residentes tradicionais expressaram considerações sobre a vinda de novas pessoas para o bairro. Em alguns casos, a multiculturalidade é percecionada como algo que define e enriquece a Mouraria, e que proporciona uma diversidade de experiências que já faz parte do dia-a-dia dos residentes:

Extrato 28 - *Agora neste caminho vamos ouvir não sei quantas línguas diferentes e vamos sentir não sei quantos cheiros diferentes e vamos deparar-nos com não sei quantas cenas diferentes que são super impactantes, mas quando tu passas aqui todos os dias, também já te fazem parte da tua vida e já não... se calhar, já não tens essa percepção a cada segundo, que vives num sítio tão diverso do ponto de vista cultural.* (P12), (T)

Apesar de *multiculturalidade* ser uma palavra utilizada para descrever este lugar com uma conotação positiva, em alguns casos é também associada à ausência de residentes tradicionais, por exemplo: Extrato 29 - *Aqui na Mouraria é uma mistura enorme de... pessoas do Bangladesh, da Índia, da China. É uma mistura enorme... que dá algo muito giro ao bairro. Mas continuamos a não ter é as pessoas de cá.* (P11), (T) Por outro lado, é ainda relacionada com o facto de as pessoas sentirem que já não se conhecem umas às outras – algo que é dificultado pelas diferenças ao nível da língua:

Extrato 30 - *Gosto das pessoas que aqui estão antigas ainda. O que não quer dizer que tenha razão de queixa das novas. Mas as novas não nos conhecem e a maior parte é tudo... fala estrangeiro, e a gente não sabe falar estrangeiro...* (P3), (T)

À semelhança dos residentes migrantes, os tradicionais também falaram dos problemas de índole social do bairro, associados à criminalidade. Alguns participantes referiram sentir-se inseguros devido ao aumento de assaltos e ao tráfico de droga. Contudo, houve ainda quem falasse da multiculturalidade enquanto abordava este tema:

Extrato 31 - *No tempo que a gente éramos pessoas e que nos dávamos todos muito, muito bem, hoje em dia não quer dizer quer a gente não se dê bem, é um bocado mais dividido, porque há muita etnia, há muita... nem pensar dormires com a porta aberta e nem pensar deixares uma criança a dormir na rua sem supervisão (. . . .) Hoje em dia, é um perigo saírem da porta quanto mais irem à mercearia.* (P5), (T)

Extrato 32 - *Vê?! Isto aqui já roubaram, já roubaram isto aqui tudo. Isto aqui está muito perigoso, sabe? Isto está tudo vazio, prédio inteiros. Além, é tudo gente estrangeira, que eu não sei se são romenos se são “kosovados”, não sei...* (P3), (T)

Do ponto de vista discursivo, apesar dos participantes não dizerem explicitamente que a migração está associada à criminalidade, nestes extratos os temas estão implicitamente conectados. Estes residentes começam por falar da insegurança e acabam por referir os migrantes (Extrato 32), ou vice-versa (Extrato 31). Esta ligação pode não ser propositada, mas acaba por contribuir para o modo como os migrantes são representados socialmente.

Associações deste tipo podem legitimar atitudes negativas face a este grupo (Di Masso et al., 2014), e por tal devem ser problematizadas.

Por outro lado, alguns participantes mostraram aceitação face à vinda de novas pessoas para o bairro, na condição de estas perpetuarem o estilo de vida que o tem caracterizado. No extrato que se segue, a participante fala daquilo que mais gosta na Mouraria e refere a familiaridade protagonizada por aqueles que lá vivem há mais tempo, mas também pelos novos moradores que se proponham a tal:

Extrato 33 - As brincadeiras, as festas, a comunicação com os mais antigos e alguns que me venham mais modernos que se alinhem a nós, por exemplo ali onde eu moro, por exemplo, agora os restaurantes que têm aberto ali é quase tudo gente mais nova, mas, no entanto, veem a gente e vêm ter com a gente, viu aquele senhor que se meteu comigo? [referindo-se a um morador migrante] (P3), (T)

Outro residente tradicional afirmou a existência de uma cultura própria do bairro, que não deve ser alterada. Falou da cultura da Mouraria, que será posta em causa se as pessoas que chegam não agirem em conformidade. Adicionalmente, este morador remete para uma relação de poder alicerçada no lugar, em que coloca o outro (que chega) numa posição de inferioridade, por não ser originalmente daquele sítio (Di Masso et al., 2014): Extrato 34 - *Eu, as novas pessoas aceito-as desde que saibam estar no lugar delas, e não tentem mudar o que já cá há. Coisas que... coisas que estão na cultura da gente de cá. (P18), (T)*

Exposto isto, verifica-se que o modo como as pessoas se relacionam com o bairro e que as perceções que têm sobre o mesmo pode ter um papel no modo como reagem à chegada de novos moradores (Wnuk et al., 2021). A dinâmica social de proximidade que tem sido referida contribui para um ambiente familiar em que as pessoas se conhecem e socializam frequentemente. A multiculturalidade - que advém dos residentes migrantes e da oferta de produtos culturalmente diversificados - é vista como uma mais-valia que enriquece a Mouraria. Porém, é também considerada uma ameaça àquilo que define o bairro – caso estes novos residentes não contribuam para o estilo de vida que assegura a essência “bairrista”, atribuída a este lugar ao longo dos anos (Smeeke & Verkuyten, 2014).

4. Turismo na Mouraria

No decurso das entrevistas, e quando a conversa se desenvolveu em torno do que caracteriza a Mouraria e das alterações sentidas nos últimos anos, os moradores referiram-se também aos turistas e ao aumento do turismo na Mouraria e em Lisboa, e respetivas consequências. Considerando as perguntas de investigação e os subtemas encontrados, esta secção enquadra

conjuntamente as respostas dos residentes migrantes e dos tradicionais. Começaremos por expor as opiniões positivas sobre o desenvolvimento do turismo nesta zona, seguindo para os aspetos que os residentes consideram negativos.

4.1. Desenvolvimento local

Um dos aspetos referido com mais frequência foi o facto do turismo ter contribuído para o desenvolvimento do bairro da Mouraria, em vários aspetos. Alguns dos participantes deste estudo falaram da competitividade de Portugal enquanto destino turístico e do consequente impacto positivo na economia do país. Muitos dos residentes são, também, donos de estabelecimentos comerciais ou têm trabalhos relacionados com o turismo e, por tal, o aumento do mesmo contribui para o sucesso ao nível da sua vida profissional. Destes, foram vários os que referiram ter sofrido consequências económicas com a COVID-19 e respetivas restrições. Na perspetiva destes residentes, houve uma quebra no turismo com a pandemia – o que vai ao encontro da literatura sobre o tema (Santos & Moreira, 2021) - e, conseqüentemente, um novo aumento com o levantamento das restrições, que ajudou a restabelecer alguns negócios relacionados. O extrato seguinte é ilustrativo:

Extrato 35 - Está a correr bem, porque últimos dois anos tivemos muito parados, não só Portugal, mundialmente. Mas agora, este ano, já passámos mais ou menos COVID e já começou a mexer. Já temos mais turistas. Então os lojistas estão contentes. Lojistas, comerciantes, então estão contentes. Na baixa nós temos muitas lojas de souvenirs, então, estes souvenirs são um bom trabalho de turistas. Se não tivesse turista, estas lojas não funcionavam porque os souvenirs são comprados pelos turistas. (P13), (M)

Por outro lado, segundo participantes, a Mouraria costumava ser um lugar pouco visitado, associado a problemas de cariz social que o tornavam pouco atrativo, com zonas menos acessíveis por serem consideradas perigosas. Neste sentido, alguns moradores consideram que a vinda de turistas para o bairro foi um dos fatores que contribuiu para a regeneração destes espaços:

Extrato 36 - Porque, por um lado trouxe muita coisa boa... e foi engraçado porque eu fui acompanhando a evolução do turismo, fui vendo cada vez mais turistas a fazerem a Rua do Benfornoso... e ao início era muito estranho: “turistas, na Rua do Benfornoso? Mas porquê?” (. . . .) Porque era uma zona perigosa, havia sempre rugas à noite, e sempre polícia a vir à noite, sempre pancadaria, havia facadas... enfim. Não era uma zona segura e depois, de repente, começou a transformar-se. E isso foi bom, porque

trouxe segurança. Toda a zona de... os drogados, as prostitutas e isso tudo foram saindo. E ainda há... ali entre... onde nós estávamos e os Anjos, lá em cima, ainda há ali uma zona que é um bocadinho... eu se calhar não passo ali muitas vezes. Mas, na altura, não passava mesmo em lado nenhum, e isso foi bom. O Largo do Intendente, não é? Passou a ser um sítio onde se pode ir. (P11), (T)

Isto aponta para como políticas urbanas como as que potenciaram a regeneração urbana da zona do Martim Moniz, Intendente e Mouraria podem ser vistas como políticas de limpeza social', ainda que apresentadas para dinamizar o turismo e a atividade económica nestas áreas de Lisboa (Fussey et al., 2012; Lees & Ferreri, 2016). Outros participantes associaram sentimentos positivos, como alegria e orgulho, à vinda de turistas, em comparação com outras fases em que não havia tanta gente a visitar o bairro:

Extrato 37 - Gosto [dos turistas], não gosto de viver isolada, vivo numa rua que tem passagem, sem dúvida nenhuma, e gosto, claro que gosto. Chegar ali à baixa, até isto do COVID, eu descia as escadinhas da saúde, até chorava com pena que o elétrico 28 deixou de existir com o turismo, e agora já não. Uma pessoa fica... A Avenida da Liberdade, a baixa toda, a Praça da Figueira, a Praça do Comércio, ninguém, era uma tristeza. Parece que estávamos noutra país, e agora não. (P2), (T)

Extrato 38 - É bom, para o mesmo... o orgulho de Portugal. A economia também fica mais forte e também os turistas ficam mais conhecidos de Lisboa. Porque nós vimos que a partir de 2010 aumentou o turismo e... 2015 isto foi evoluir imenso e agora, nós temos... ultrapassámos o turismo de Barcelona para Lisboa.(P13), (M)

Extrato 39 - Pá, o turismo, isto agora... Agora, é um prazer enorme tu receberes estes turistas. Sabes que nem toda a gente fala inglês, isto do inglês e do francês é um bocado... Agora, é um prazer enorme, quando o estrangeiro vem, explicar isto a eles. Mas, de uma maneira diferente, não é à guia turístico. (P8), (T)

De um modo geral, apesar da maior parte dos participantes terem referido vantagens associadas à vinda de turistas para o bairro, também mencionaram aspetos negativos, resultantes do excesso de turismo. Na secção seguinte, abordaremos os principais desafios apresentados. O extrato que se segue apresenta a opinião de uma residente tradicional que, embora refira a ligação entre o desenvolvimento do comércio e o turismo, não deixa de apontar as desvantagens:

Extrato 40 - Tu sabes que, tu sabes que é bem dizer que há muita gente aqui que vive do comércio, e o turismo é ótimo, não é? Se fores por um lado ou uma perspetiva dessas é assim, "ah não sei quê, é bom e não sei quê". Se fores para uma perspetiva de vivências,

se calhar vão dizer a mesma coisa que eu. Nós aqui do bairro queremos uma casa, não temos, eles vêm e têm tudo, percebes? (P5), (T)

É, ainda, importante referir esta distinção entre quem usufrui diretamente do aumento do turismo, através de negócios e comércio relacionados, e quem não retira nenhum benefício direto, lidando apenas com consequências que considera negativas – o que vai ao encontro do estudo de Kim (2021), que mostra que as respostas ao turismo, por parte de residentes locais, são moderadas pelos benefícios que a proximidade (ou distância) dos pontos turísticos lhes traz. A questão da habitação, referida por esta participante, é transversal a quase todos os moradores entrevistados e vai ser aprofundada na próxima secção.

4.2. Turistificação

4.2.1. Consequências na vida quotidiana dos moradores

Outro tópico frequentemente referido pelos participantes foi o crescimento exacerbado dos alojamentos locais na Mouraria, nos últimos anos. Com um elevado fluxo de turismo e os programas de requalificação urbana que incluíram a reabilitação do edificado (CML, 2012), o número de hóspedes, Airbnbs e outros tipos de alojamento local dispararam, provocando alguma revolta nos moradores:

Extrato 41 - E começou a aparecer Airbnb em todo o lado, hostels por todo o lado, e, por exemplo, no meu prédio, que é um prédio pequenino, metade das casas já eram de Airbnb e isso tornou-se o caos, porque era, era barulho todos os dias, era pessoas a entrar e a sair às 5 da manhã, ou dar festas, ou com malas, ou com não sei o quê. E pronto... As coisas já não são assim tão coloridas como dantes. (P4), (T)

Neste extrato, a participante refere o crescimento dos alojamentos locais, bem como consequências práticas que afetam o quotidiano dos moradores, como o ruído. Na mesma linha de pensamento, outros participantes referiram ainda a mobilidade no espaço público, que muitas vezes é limitada por grupos de turistas ou veículos afetos, como *tuk-tuks*, *scooters* e outros. Por outro lado, os residentes também se queixaram de mau ambiente, causado pela vida noturna, associada a consumos de drogas e álcool:

Extrato 42 - Like this... some people, they are different than the normal tourists, you know? That are looking for the drugs, you know? Drinking too much and making noise at night. Somethings is not good only, somethings is bad. But more is good things within the tourism. (P16), (M)

Este extrato é particularmente interessante porque o morador fala de consequências negativas do aumento do turismo, mas atribui-as a turistas “diferentes dos normais”, reforçando

que o turismo é maioritariamente benéfico para o bairro. Este residente é dono de uma loja no Martim Moniz, pelo que a vinda de turistas para a Mouraria tem implicações positivas para o seu negócio. Porém, não deixa de referir aspetos que têm efeitos negativos no seu dia-a-dia, enquanto residente.

Os participantes referiram ainda a substituição do comércio local, com oferta a preços acessíveis, por outro mais direcionado para os turistas – que têm mais poder de compra. Apesar de, como mencionado, alguns considerarem que o turismo contribui para a dinamização de áreas que antes eram pouco utilizadas, estas continuam a ser inacessíveis para alguns moradores, devido aos elevados preços praticados:

Extrato 43 - *Sim, há menos, há menos. E isso é pena. É pena porque... Tu queres comer uma coisa portuguesa e, ou vais comer uma coisa portuguesa e vais pagar, ou senão não encontras assim tanto essas... esses pequenos, pequenos cafés, pastelarias, ou... (. . .) É isso, é isso, acho que falta essa coisa... porque estão a deixar um bocadinho a Mouraria aos turistas, e isso acho que é pena. (P15), (M)*

Da mesma forma, alguns residentes salientaram o desaparecimento de estabelecimentos concretos, por exemplo mercearias, que permitiam um acesso facilitado a bens essenciais - crucial para pessoas mais idosas, com mobilidade reduzida:

Extrato 44 - *Só que eu noto falta, por exemplo, de mercearias, noto falta de mercearias. (...) Olhe, o turismo acho que foi bom num sentido, noutro é mau. Porque, ao menos, alugavam as casas, faziam as mudanças, mas não tiravam os estabelecimentos por baixo. Para a gente ter acesso porque nós, por exemplo, eu tenho o meu filho, mas há muita gente que não tem ninguém para levar as compras. E ficam com muita dificuldade em ir às compras porque é longe. Desapareceram as casas pequeninas, pronto o comércio pequeno. O pão, a hortaliça, o peixe, a carne, pronto... o peixe é só aquele, não há mais nada aqui. (P3), (T)*

Face a esta adversidade, vale a pena enfatizar o papel de alguns migrantes, que através dos minimercados e das frutarias, proporcionam uma alternativa aos estabelecimentos que fecharam, e que tinham a mesma finalidade. Neste sentido, contribuem para a manutenção do comércio de proximidade e para as dinâmicas da vida quotidiana que foram desafiadas pela transformação que o bairro sofreu, no contexto da turistificação:

Extrato 45 - *Se calhar, tinha mais antes, quando as pessoas viviam aqui, e tu, há bocado, perguntavas-me isso, e efetivamente, mesmo as velhotas, toda a gente vai às mercearias dos indianos, como lhes chamamos, pronto. Há aquelas situações em que tu nem percebes como é que o indiano está a vender, que só fala inglês e a senhora... mas se*

for preciso, manda-lhe... vai levar as coisas lá acima, portanto as que estão... as lojas dessas que já estão cá também há mais tempo implementadas, são completamente mercearias de bairro. Isso é super engraçado. (P12), (T)

Esta participante remete ainda para as redes de apoio que se estabelecem ao nível local, já evidenciadas no Extrato 13. Contudo, parece ter-se criado uma atmosfera turística colateral (Paiva & Sánchez-Fuarros, 2021) que trouxe desafios, de um ponto de vista funcional e ao nível do bem-estar, para aqueles que lá vivem:

Extrato 46 - *Sim, uma vida normal. Pessoas ou a criar, ou a trabalhar, sabes? E isso, acho que isso faz falta, porque sai-se à rua e parece que estás no meio de um parque de diversões, porque as pessoas estão todas em... em férias, não é? E é um choque, psicologicamente é chocante....* (P4), (T)

Assim, estes extratos expõem a transformação da Mouraria num espaço virado, maioritariamente, para o consumo e entretenimento dos turistas – que colide com as dinâmicas próprias do dia-a-dia dos seus habitantes (Sequera & Nofre, 2018).

4.2.2. Habitação

Relacionado com o aumento do turismo, outro tema relativamente consensual entre os participantes deste estudo é o da habitação. Segundo os moradores entrevistados, o elevado número de alojamentos locais provocou um incremento significativo nos preços dos alugueres das casas que, para alguns, são incomportáveis: Extrato 47 - *Para já, o início, para já, o preço. As coisas estão... Os alugueres aqui estão um balúrdio. Vamos por aqui, olhe. Os alugueres aqui estão a ser muitos mais caros. Está muito mais difícil de se arranjar uma casa.* (P14), (M).

O excerto que se segue é, também, ilustrativo:

Extrato 48 - *Agora, perdeu-se um pouco porque o comércio em si cresceu muito, cresceu muito e os preços exorbitantes. É uma parte que a gente tenta procurar e descobrir, que é a parte dos preços, pá, e mesmo assim, a gente hoje em dia aqui, tu alugas uma casa por mil euros.* (P8), (T)

Os participantes afirmam que a habitação no bairro já não é acessível, e que os contratos de arrendamentos se destinam maioritariamente a estadias de curta duração, que são mais proveitosas para os proprietários:

Extrato 49 - *I changed 3 houses, this is my 3rd house. First, I was living there, after some time they tell me: “please, contract is finish, we want to continue with tourism”. After that I find another street. I stayed there 3 years and after that they are telling me:*

“sorry, no more contract, we want to change for tourism, so...” Luckily, I found this very small house, so.... (P17), (M)

Estas opiniões são partilhadas pelos residentes migrantes e pelos tradicionais. Contudo, são ainda referidas situações, associadas à migração, de apartamentos onde vive um número excessivo de pessoas, considerando a dimensão dos mesmos. De acordo com participantes de ambos os grupos, estas circunstâncias resultam do encarecimento do mercado imobiliário, a par com os baixos rendimentos: Extrato 50 - *High rent is difficult because people don't earn too much and this good house they cannot live. And one house... maybe one room four person, two person, three person are living there.* (P9), (M). Os extratos que se seguem são, também, exemplificativos:

Extrato 51 - *Acho que está para Airbnb, pensão, hotéis. É para isso. Por isso subir. Uma casa, agora, viver 3 famílias. (. . .) Mais caro, sim. E é como dormitório, como dormitório. À noite... Não, por mês pagar 300 euros, só [por] um dormitório. Viver é assim.* (P10), (M)

Extrato 52 - *Aliás, nós temos muitos prédios ocupados com praticamente só “bangladeshes” e nepaleses, e se tu me perguntares se eu concordo: não. Porque eles destroem, destroem. E pronto. Se calhar, porque os ordenados são baixos e porque eles não estão habituados a viver como nós, juntam-se muitos e acabam também por destruir os apartamentos.”* (P7), (T)

Na última frase do Extrato 52, verifica-se uma distinção entre “nós” e “eles”, reforçada pela diferença no modo como uns e outros vivem – consoante a sua cultura (Di Masso et al., 2014). Através da identidade cultural, práticas culturais diferenciadas podem promover a distinção entre grupos, que se torna ainda mais significativa face à escassez de recursos, podendo gerar conflitos intergrupais (Kashima & Gelfand, 2021).

Neste contexto, verifica-se alguma revolta por parte dos residentes – principalmente de alguns tradicionais que se sentem injustiçados por não terem acesso à habitação, no bairro onde já vivem há muitos anos (Extrato 40). Apesar de reconhecerem que estas situações se devem a circunstâncias exteriores – aumento exacerbado dos preços e baixos salários - alguns não deixam de ter preconceitos negativos face aos migrantes (Dovidio et al., 2010).

Estas atitudes têm, também, uma componente relacionada com o lugar, na medida em que estão associados à suposição de que quem é originalmente do bairro tem prioridade no que respeita a habitação, em relação àqueles que vêm de fora (Extrato 52). Consequentemente, estas atitudes implicam relações de poder ao pressupor a dominância de um grupo em relação a outro - sobre a premissa de que o segunda está “fora do lugar” (Di Masso et al., 2014, p.345).

Não obstante, estes residentes tradicionais identificam um destino comum com os moradores migrantes (Ntontis et al., 2018), que se baseia em injustiças sociais estruturais - à incapacidade de pagar uma renda, devido à falta de rendimentos e ao panorama imobiliário inflacionado que, de acordo com os participantes, em muito se deve à proliferação dos alojamentos locais:

Extrato 53 - *Falo por experiência própria, eu tive colegas do Nepal em que, na altura, eu ganhava, por exemplo, 1400 euros e eles ganhavam 600. Quer dizer, tu se tens uma renda de 1000 euros e ganhas 600, isso.... Eles são obrigados a juntar-se e pronto, e têm essa capacidade e necessidade e... Eu se tivesse que viver numa casa com dez pessoas, não conseguia. Não conseguia. (P7), (T)*

Importa então ressaltar que as atitudes mais discriminatórias encontradas nos discursos dos entrevistados são criadas externamente, por políticas sociais e territoriais injustas, e isto é maioritariamente reconhecido nos discursos. A revolta com estas injustiças é ainda motivada pela saída de antigos moradores do bairro, muito marcante no início do processo de reabilitação do edificado da Mouraria, associada também ao aparecimento dos alojamentos locais. Esta questão vai ser explorada na secção que se segue.

4.2.3. Esvaziamento do bairro e alteração das dinâmicas sociais

Como tem sido referido, o bairro da Mouraria sofreu muitas alterações nos últimos anos. De acordo com os nossos participantes, uma das mais pronunciadas foi o desaparecimento de uma grande parte da população autóctone do bairro. Segundo os residentes, foram muitos os habitantes que se viram forçados a sair:

Extrato 54 - *E depois é que as pessoas idosas foram todas escorraçadas daqui, porque acabava o prazo de validade de contratos de casa, puseram os velhos todos embora daqui, fora da casa, os senhorios quiseram as casas para alojamento local. Isso foi a coisa pior que podia ter acontecido nos bairros de Lisboa, foi o alojamento local. (P2), (T)*

Extrato 55 - *Foram mesmo despejadas, umas com direitos, outras sem direitos, mas foram mesmo mandadas embora. Umas com mais tempo para procurarem outro sítio qualquer, outras com menos. Aí, velhotes que foram empurrados para os lares à força e morreram logo nos dias depois. Portanto, tudo isso. (P7), (T)*

Os impactos negativos extremos psicossociais e no bem-estar dos moradores expulsos do bairro são claramente identificadas nestes discursos. De acordo com os seus relatos, as habitações de algumas pessoas que viviam no bairro foram alvo de reconstrução e

posteriormente transformadas em alojamento local, ou alugadas por preços substancialmente mais altos, que impossibilitaram o retorno dos antigos residentes:

Extrato 56 - A minha casa agora está no “Booking.com”. E os meus pais saíram e... gostavam de ter voltado, mas não puderam. Esse processo não sei muito bem como é que foi, mas nós já sabíamos à partida que jamais voltariam para ali, embora no início dissessem que sim. A Câmara deve ter vendido aquilo, deve ter feito algum contrato.... (P11), (T)

Estes participantes falam da saída dos antigos vizinhos com muito pesar, mencionando frequentemente a relação que os antigos moradores tinham com o bairro, e enfatizando aspetos de carácter afetivo. Referem-se a sentimentos de desgosto e tristeza causados pelo abandono de um lugar significativo, que prejudicaram a vida tanto daqueles que saíram como dos que ficaram: Extrato 57 - E, pronto, e foi assim a... começou a mudar, começou a ver-se, a haver muita, as pessoas muito zangadas, com muita dor, porque tinham de sair de um bairro que adoravam e que sempre viveram e essas coisas assim. (P4), (T) A população que permaneceu refere que esta transformação foi geral, e que o bairro deixou de ser destinado à habitação, passando a ter como principal foco as estadias de curta duração:

Extrato 58 - I feel that this area always for tourists. But, that time, tourists were not living in this area. Passing, not living, because mostly buildings were rented, especially for Portuguese women or men, families mostly... (. . . .) I told you: no permanent people living here now, mostly tourists, they stay one week, two week, after go. Just change, every buildings. (P17), (M)

Com a saída de antigos residentes e a entrada constante de turistas, a Mouraria começou a ser um lugar de passagem, onde permaneceram antigos residentes que, embora mantenham os laços de vizinhança e o convívio, são agora muito menos. Este bairrismo que tem sido mencionado nas secções anteriores encontrou fortes obstáculos, relacionados com a natureza passageira das novas pessoas que chegam:

Extrato 59 - Os alojamentos locais para mim não se torna... porque é impessoal, é um entra e sai, é... epá tu não chegas como antigamente tipo: "olá vizinha está tudo bem?" e não sei quê... tudo o que eu tenho feito até agora, como tens visto, até agora tudo o que tens visto a falar comigo são pessoas que me viram nascer. (P5), (T)

Como referido, o desaparecimento daquilo que caracteriza o bairro na sua essência, de acordo com as perceções de alguns residentes tradicionais, é também notado por migrantes:

Extrato 60 - E, às vezes, nem se fala português aqui dentro, aqui no bairro. É assim, ou seja, com a cena da, dos Airbnbs e hotéis, a... os velhos, os velhotes, as pessoas que

morriam, as casas transformavam numa estadia, num alojamento local, e acaba que perde, perdeu-se um bocado da identidade do bairro. (P14), (M)

Neste sentido, a “nova” Mouraria – que surge na sequência destas transformações - é menos familiar e, para alguns participantes, já não oferece o suporte social que tem sido identificado como ferramenta de combate ao isolamento (Bettencourt et al., 2021). À medida que os moradores foram saindo e os turistas enchendo as ruas – e, principalmente, as casas do bairro – os participantes foram-se sentindo mais distantes deste lugar com o qual mantinham uma forte ligação:

Extrato 61 - *E eu às vezes penso que estou a viver numa ilha, porque dantes havia uma coisa que era: saía-se à rua e eu nem precisava de combinar nada com ninguém, encontrava sempre pessoas, para conversar, para tomar um café, agora parece que vivo numa ilha. Se eu quero ver alguém, já tenho que dizer: “olha, vocês vão à Leitaria, tomar um café ou não sei quê?”. E, parece que estou eu no meio de turistas, depois existe outra pessoa que eu conheço no meio de turistas....* (P4), (T).

Para outros, com uma perspetiva menos essencialista em relação ao bairro, o mesmo não deixou de ser tão significativo – passou, isso sim, a representar algo diferente: Extrato 62 - *Era um bairro onde se vivia, hoje é um bairro que se vive. Uma pessoa agora vive o bairro, na altura vivia-se no bairro. Hoje em dia, não se vive no bairro, mas vive-se o bairro. Pronto.* (P11), (T) Neste caso, o participante refere-se a novos estabelecimentos que abriram e deram vida a zonas que, anteriormente, eram pouco utilizadas por serem associadas a falta de segurança (Extrato 36).

4.2.4. Cidadania ativa face às consequências da turistificação

De acordo com alguns participantes, o problema não está nos turistas em si, mas sim na substituição da população do bairro por outra que não vem propriamente habitar – o que leva a um desaparecimento dos moradores e, conseqüentemente, à perda da familiaridade que faz parte da identidade da Mouraria. Alguns advogam que o bairro tinha espaço para todos e criticam a (in)ação governamental a esse respeito:

Extrato 63 - *Havia tanto espaço livre só para construir um bocadinho em cima e deixar tudo o resto que, de facto... eu aí critico a intervenção da Câmara, porque acho que se isto tivesse sido pensado e estudado de outra forma completamente diferente, o que não era impossível (. . .). A sensação que eu tenho é que foi a solução mais fácil. “É preciso dinheiro, o dinheiro vem da... pronto, o turismo vai salvar isto e vai correr tudo super bem”, pá e a verdade, e por isso é que eu estava a dizer, que o facto de termos esta zona*

mais ligada à comunidade asiática, ainda com uma forte implementação, ajuda a manter parte daquilo que era o bairro, porque senão já nem isto existia, não é? (P12), (T)

Mais ainda, esta residente tradicional evidencia o papel da comunidade migrante na manutenção de alguns traços identitários do bairro, evitando uma transformação em maior escala. Alguns participantes migrantes esperavam também que o Estado português tivesse adotado um papel mais ativo, através de medidas para a proteção dos moradores, face a este panorama habitacional:

Extrato 64 - Acho que deveria ter políticas sociais de moradia para as pessoas que cá estão e... o resto é... pá, não se pode cobrar um aluguer de um T0 por, sei lá, 800 paus, sendo que você ganha 600. Essa matemática não bate. (P14), (M)

Extrato 65 - Like, my opinion is: I believe the Portugal Government should have more advertisement about the tourism to increasing more facilities and then to make... But, meanwhile they have to look after the citizens, the people living in Lisbon, because... and they should differentiate that tourism and the local people, because due to the tourism, the living cost in Lisbon is increasing. This increase should be controlled because like... the house I used to live there is... The payment that I used to pay as the house rent, in same house, I'm now paying four times more, within only eight years. So this increase is not logical and Government has no concern. (P6), (M)

Ainda que se verifique uma atribuição de responsabilidades ao Governo e não aos turistas em si, a maior parte dos participantes não se referiu a ações de ativismo concretas (no que respeita o problema habitacional), no sentido de reivindicar os direitos que consideram estar a ser postos em causa. Contudo, há quem mostre vontade de começar ações de resistência, caso a situação se agrave:

Extrato 66 - Agora já temos o turismo em força e eu acho que sim. Se toda a gente tivesse a mesma força que eu, já estávamos na rua. Na rua... a contestar, não é na rua a viver. Eu, quando não tiver capacidade para pagar uma renda, e se eu tiver que continuar a viver na Mouraria, eu ocupo uma casa. (P7), (T)

Extrato 67 - Se eu tiver conhecimento que isto vai mudar e que a senhoria aluga algum andar para alojamento local, tenho autorização de ir à junta de freguesia e à câmara de Lisboa para dizer que tem um alojamento local. Basta! É que havia aqui prédios de alto a baixo só com alojamento local, só com uma pessoa no prédio a viver como eu, que tenho idade e não me podem pôr na rua.

E – *Então e acha que, agora com isto, era capaz de ir até à junta e fazia isso, queixava-se?*

P – *Acho que sim! Sim! Ai pois, eu ia lá, ah pois, que se isso for de conhecimento, é logo! Ah pois, é que é logo!* (P3), (T).

Dentro da temática da participação ativa alguns residentes (tradicionais e migrantes) referiram ainda um movimento coletivo, que inverteu a concessão da Praça do Martim Moniz ao projeto *Martim Moniz Market*. O mesmo propunha a transformação da praça num centro de comércio e consumo, disposto em contentores (Movimento Jardim Martim Moniz, 2019). Segundo uma das participantes, a comunidade impôs-se à concretização deste projeto por não ir a encontro das necessidades da população local:

Extrato 68 - Não sei como é que lhe querem chamar, de *contentores marítimos, com restaurantes e lojas*. Aqui em cima, pá, e uma série de gente, começando por nós, bom, opôs-se a isso, porque achamos que não tem nada a ver. É um conceito completamente... muito mais de *uma área industrial e de uma área cosmopolita, que há sítios em que é muito giro, mostraram-nos umas fotografias: “ah como há aqui em Londres”, e isso é giro, mas... (. . .) a nossa proposta sempre foi fazer disto um espaço mais verde, que não há nestas áreas. E é isso que vai acontecer. A Câmara vai abrir um concurso público internacional para um espaço verde. E foi atrás com o negócio, pá, sim: barulho e festa, acho que não era disso que a cidade precisava, e ninguém.... Pronto, houve mesmo uma onda de “não!”*(...). (P12), (T)

De acordo esta moradora, antes das obras relacionadas com o projeto começarem, a praça era utilizada por muitas pessoas que usufruíam deste espaço público ao ar livre. Esta participante mostra claramente indignação face à transformação de um espaço público utilizado pelos moradores, num lugar comercial com propósitos de consumo, não dirigido aos residentes do bairro – opondo-se, assim, à turistificação do bairro da Mouraria (Sequera & Nofre, 2018; Tulumello & Allegretti, 2021). Da mesma forma, outro participante mencionou o uso da praça para fins recreativos, como a prática de desporto:

Extrato 69 - Yeah. Yeah. Like, for example, this part, *Martim Moniz Park since the last ten years, we used to play football there. Cricket too. Yeah, yeah. And the people you used to see playing cricket there, I was one of them. So, and like... you know, once the park was taken off, ok? To make... make it restaurants and it was like...I was feeling like so horrible about that.* (P6), (M)

Este participante remete ainda para o modo como se sentiu quando deixou de poder utilizar este espaço – “I was feeling horrible about that” (Extrato 69). Quando lhe foi perguntado se se

tinha envolvido em algum tipo de contestação, o residente referiu que participou através da sua comunidade de migrantes: Extrato 70 - *Yes, when they gave the petition, the petition by our community. The community leader, he was involved there, ok? And we were also connected with it.* (P6) (M) Referiu ainda que considerava que os moradores portugueses da Mouraria não pensavam do mesmo modo sobre o destino da praça por não se preocuparem muito com esse tipo de problemas, visto que estavam mais focados na sua vida quotidiana:

Extrato 71 - *No, like... They are not that much... how to say... they are not very concerned. They are busy about the daily life. And if you look at this park [refere-se à Praça do Martim Moniz], the people staying in the park, hanging out in the park, they all are actually immigrants. And, like, though Portugal is like a transit point to the immigrants, they come, they goes, ok? So, like it was... the immigrants are still in pain, but they still didn't know this right to speak out, or to report or how to prevent it.* (P6), (M)

Neste excerto, o participante evidencia a posição de alguns migrantes que, ainda que (de acordo com a sua perspetiva) sejam os utilizadores mais frequentes da praça, não sentem ter o direito de contestar ou manifestar a sua opinião – indicando que a própria condição de migrante é um entrave à participação mais ativa, face a aspetos relacionados com o lugar. Em concordância, outro participante que se manifestou sobre a transformação da praça afirmou não ter desempenhado um papel ativo face a esta situação, mas referiu que a Praça do Martim Moniz se encontrava mais vazia e menos dinamizada desde que o novo projeto tinha sido iniciado (e, posteriormente interrompido) – pelo que frequentava cada vez menos este lugar. No final deste capítulo encontra-se o mapa conceptual de resultados (ver Figura IV.2).

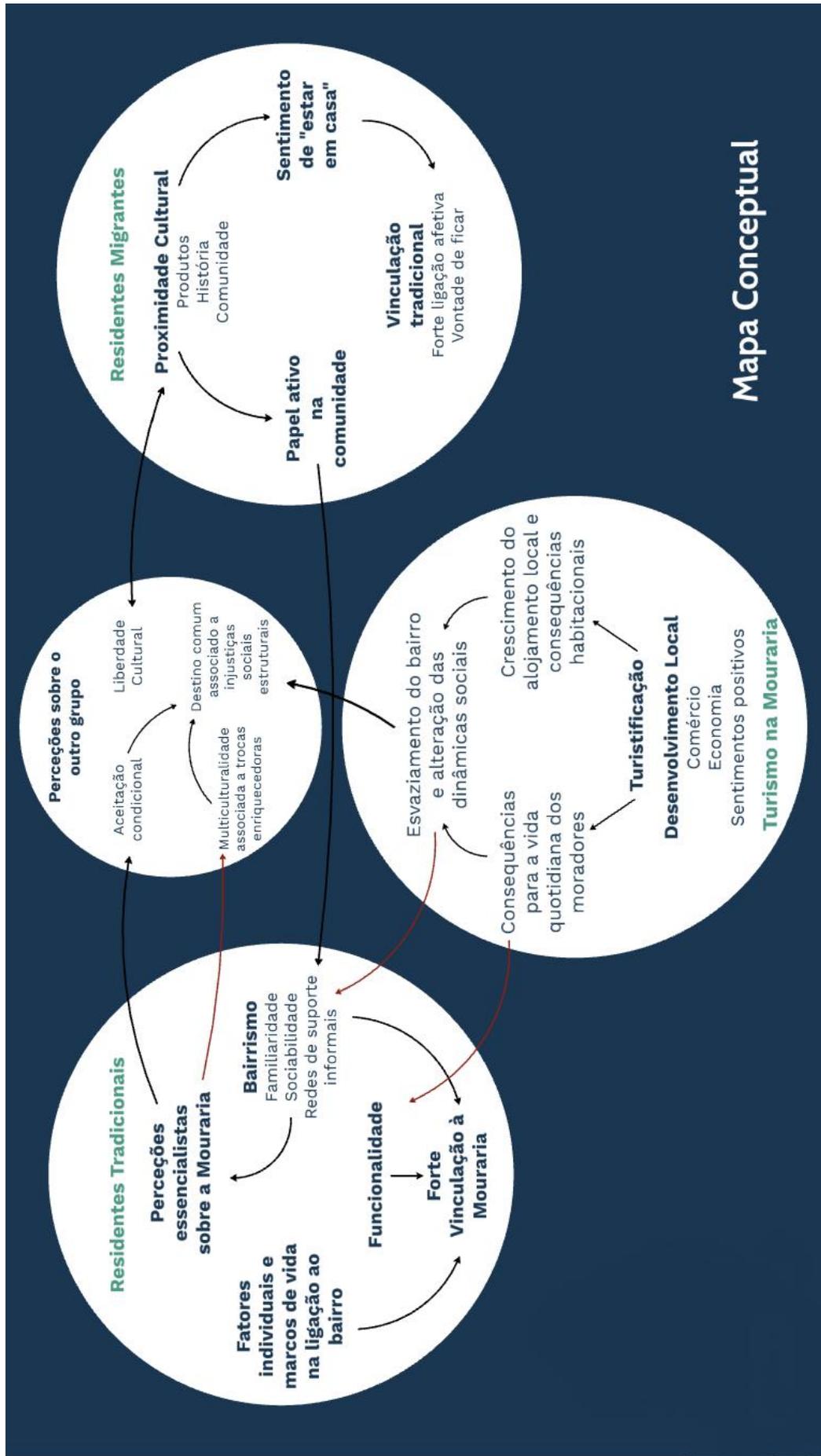


Figura IV.2 – Mapa conceitual de resultados (as setas vermelhas simbolizam associações negativas e as pretas associações positivas)

CAPÍTULO V

Conclusões e Discussão

Face às transformações urbanas resultantes de processos de turistificação no centro histórico de Lisboa (Baptista et al., 2018; Nofre et al., 2017; Sequera & Nofre, 2019), alguns bairros estão a sofrer alterações com consequências económicas, socioculturais, políticas e ambientais para as populações locais (Daly et al., 2021). No caso da Mouraria, a turistificação tem resultado na saída de antigos residentes do bairro, e na alteração das dinâmicas sociais que nele ocorrem (Tulumello & Allegretti, 2021). Por ser um bairro multicultural, com um elevado número de residentes migrantes em comparação a outros da cidade (Fonseca & McGarrigle, 2013), a Mouraria apresenta-se como um lugar onde a turistificação e respetivas consequências se impõem a residentes com diferentes contextos de mobilidade.

Exposto isto, o objetivo deste estudo foi compreender os processos de adaptação de migrantes, e as consequências sociais da turistificação, ao explorar a vinculação ao lugar e as dinâmicas intergrupais de residentes tradicionais e migrantes do bairro da Mouraria. Deste modo, adotámos uma abordagem relacional, que nos permitiu considerar processos de mobilidade de curta e longa duração, em conjunto. Construámos então, com base na literatura, três questões de investigação que direcionaram a investigação: 1) “como é que diferentes percursos de mobilidade se relacionam com a vinculação ao lugar de migrantes que vivem na Mouraria, e qual é o papel dos residentes tradicionais nesta relação?”; 2) “haverá uma perceção essencialista do lugar em relação ao bairro da Mouraria, especificamente dos residentes tradicionais? Se sim, qual é a sua implicação na aceitação de migrantes no mesmo?”; e 3) “de que modo é que fenómenos como a turistificação, através de uma perceção de destino comum, impactam as relações entre os residentes tradicionais e os migrantes, considerando a possível emergência de uma identidade social partilhada?”.

Assim, através de entrevistas narrativas em movimento, concluímos que os migrantes entrevistados têm trajetos de mobilidade mais heterogéneos, no que respeita a pluralidade de países onde viveram, que os residentes tradicionais da nossa amostra.

Neste sentido, a maior parte dos migrantes do nosso estudo apresentou um estilo híbrido de vinculação ao lugar: tradicional-ativo. A componente tradicional reflete-se numa forte ligação afetiva e na intenção de permanecer no bairro, motivadas por um sentimento de “estar em casa” associado à proximidade cultural (em relação ao país de origem), que por sua vez é promovida

pelo caráter multicultural do bairro, tanto ao nível histórico e da comunidade, como ao nível funcional por meio dos serviços e produtos comercializados localmente. De acordo com os nossos participantes, esta proximidade só é possível porque a comunidade local, e mais concretamente os residentes portugueses, estão abertos à diversidade cultural. Contudo, esta percepção de liberdade cultural está, em alguns casos, associada a uma posição de inferioridade em relação ao grupo que a permite. Por outro lado, estes migrantes mostraram ainda uma dimensão ativa da vinculação ao lugar, que se reflete em práticas (formais e informais) que visam o bem da comunidade. Embora, em alguns casos, este ativismo seja potenciado pela comunidade de migrantes, acaba por se estender a toda a comunidade do bairro. Noutros casos, estas práticas contribuíram para traços identitários do bairro, como a familiaridade e as redes de suporte informais.

Quanto aos residentes tradicionais, a maior parte mostrou ter uma vinculação ao bairro forte, associada a marcos de vida individuais e a questões de funcionalidade relacionadas com serviços e oferta comercial local. Esta funcionalidade mostrou-se especialmente relevante no caso de residentes de faixas etárias mais elevadas que dependem do comércio de proximidade para manter a sua autonomia e bem-estar associado. Por outro lado, a dimensão social do bairro desempenha um papel de relevo na vinculação dos residentes tradicionais. É através da sociabilidade, familiaridade e das redes de suporte informais que os residentes descrevem a Mouraria como ‘bairrista’. A atribuição deste estilo de vida social ao bairro, como se fosse algo natural que lhe confere autenticidade, remete para a existência de uma percepção essencialista do lugar associada à Mouraria (Batel et al., 2015). A aceitação de migrantes no bairro é condicional e está intimamente relacionada com a essência que lhe é atribuída: alguns residentes tradicionais com percepções mais essencialistas da Mouraria mostraram-se abertos a receber e interagir com novos residentes na condição de estes não serem em causa o ‘bairrismo’ que a define. Por outro lado, alguns residentes tradicionais com percepções menos essencialistas sobre o lugar associaram a multiculturalidade, trazida pelos migrantes, a riqueza e a trocas culturais (por vezes quase inconscientes) que valorizam o bairro.

No que diz respeito ao turismo na Mouraria e às transformações do bairro, alguns participantes referiram que a Mouraria beneficiava do turismo, devido ao seu impacto na economia e no comércio, sendo que outros associaram sentimentos positivos como orgulho e alegria à presença de turistas no bairro. Porém, os participantes lamentaram as transformações mais estruturais, que na sua opinião foram causadas pela proliferação de alojamentos locais na Mouraria, e pela incapacidade do Governo de controlar a situação e elaborar mecanismos que protegessem os residentes do bairro. Face a este panorama, as consequências negativas mais

referidas pelos participantes são relativas: ao quotidiano dos habitantes e à funcionalidade que é posta em causa pelo desaparecimento dos pequenos estabelecimentos comerciais com preços acessíveis; à saída de antigos residentes e esvaziamento do bairro com fortes implicações emocionais para os moradores que saíram, e ao nível das dinâmicas sociais e do “bairrismo” para os que ficaram; e à habitação, devido à subida dos preços e à escassez de casas destinadas a residentes a longo termo. Estes problemas foram identificados tanto pelos residentes tradicionais como pelos migrantes, sendo que participantes dos dois grupos identificam um sentido de destino comum, associado a injustiças sociais estruturais, mais salientes face às consequências da turistificação.

Ainda que estas conclusões tenham implicações teóricas e práticas que serão explicitadas de seguida, foram identificadas algumas limitações neste estudo. Por termos optado por uma metodologia de entrevistas em andamento, os resultados foram enriquecidos por estímulos que surgiram durante o percurso, no entanto, esta metodologia limita a amostra a pessoas que possam concretizar as trajetórias da entrevista (Evans & Jones, 2011), ainda que tenhamos adaptado o procedimento em casos em que os participantes apresentavam uma mobilidade reduzida. Por outro lado, a língua pode ter sido uma barreira à compreensão (tanto das perguntas como das respostas) no caso dos participantes migrantes, visto que foram conduzidas em português ou inglês, e não na sua língua materna. Adicionalmente, o período de realização das entrevistas ocorreu em contexto de pós-pandemia, que de acordo com a literatura corresponde a um aumento considerável do turismo, em comparação com o período anterior ao levantamento das restrições associadas (Santos & Moreira, 2021), o que pode ter sido relevante para o modo como o turismo e respetivas consequências foram apresentados. Por fim, o facto de só termos uma participante migrante do género feminino pode ter tido implicações, visto que o grupo dos residentes migrantes teve uma representação maioritariamente masculina. Consideramos que a dificuldade em encontrar mais participantes migrantes mulheres pode dever-se ao facto de um dos critérios de inclusão neste grupo ser o tempo de residência na Mouraria – alguns participantes migrantes referiram ter vindo para Portugal sozinhos e estarem ainda a construir condições para trazer o resto da família que ficou no país de origem, e outros referiram ter vindo primeiro para Portugal, e que só passado alguns anos é que conseguiram que a família se juntasse. Por outro lado, a dificuldade em encontrar participantes migrantes do género feminino pode ainda estar relacionada com questões culturais e/ou religiosas relativamente ao papel da mulher na sociedade.

Porém, esta investigação tem, como referido, relevantes implicações teóricas e práticas. No que respeita às implicações teóricas, verificou-se que a maior parte dos migrantes

entrevistados apresentava um estilo de vinculação ativo-tradicional, identificado recentemente na literatura (Bailey et al., 2016, 2021). Assim, esta investigação contribuiu para afirmar este tipo de vinculação e apresentar um novo contexto, relacionado com a migração, em que o mesmo pode surgir. Neste caso, verificou-se uma componente tradicional da vinculação associada a uma continuidade percebida entre a Mouraria e outros lugares dos percursos de vida dos participantes (através da proximidade cultural), que lhes transmitiu uma sensação de “estar em casa”. Esta continuidade permitiu ainda o desenvolvimento de traços da identidade cultural dos participantes (Twigger-Ross & Uzzell, 1996), e vai ao encontro do estilo de interação *fixidez na mobilidade* do modelo de Di Masso e colaboradores/as (2019), na vertente *self-related* – criação de um vínculo a diferentes lugares ao longo da vida por serem congruentes com traços identitários (neste caso, culturais), transmitindo assim um sentido de estabilidade positivo. Por outro lado, a componente ativa da vinculação pode estar associada ao contexto de mobilidade propriamente dito (Lewicka, 2011b), visto que a chegada a um novo lugar implica uma adaptação, que pode ser alcançada através de um papel mais ativo na comunidade de acolhimento.

Outro contributo teórico é referente às várias dimensões da vinculação ao lugar. Apesar da dimensão *place* do modelo PPP (Scannell & Gifford, 2010) ser maioritariamente apresentada na literatura como associada à componente social do lugar, nesta investigação verificou-se que para um determinado grupo social (pessoas de faixas etárias mais elevadas) a componente física do lugar pode desempenhar um papel especialmente relevante na vinculação ao bairro, através da funcionalidade associada à dependência do lugar (Raymond et al., 2010). Contudo, no caso deste grupo social, a funcionalidade do bairro não contribui apenas para a dependência do lugar, estando também associada à identidade de lugar, através do princípio da autoeficácia (Twigger-Ross & Uzzell, 1996). Concretamente, para as participantes de faixas etárias mais elevadas o facto de o bairro oferecer um comércio de proximidade que facilita o acesso a bens essenciais, permite-lhes realizar as tarefas do dia-a-dia de modo independente – o que contribui para uma autorrepresentação de eficácia e autonomia que, consequentemente, promove o seu bem-estar.

Ainda no campo das contribuições teóricas, este estudo pode ser útil para o debate atual na área dos estudos urbanos, sobre os diferentes processos de transformação urbana. Os resultados desta investigação mostram que as principais consequências identificadas pelos residentes da Mouraria, no que diz respeito ao turismo, estão associadas ao esvaziamento do bairro (em vez da substituição da sua população) e consequentes alterações ao nível das dinâmicas sociais e da vida em comunidade. Estes resultados vão ao encontro de alguns critérios que distinguem os processos de gentrificação e turistificação, segundo proposto por Sequera & Nofre (2018). Um

dos grandes desafios da turistificação é exatamente o confronto entre atmosferas incompatíveis (Paiva & Sánchez-Fuarros, 2021), resultante da natureza temporária das estadias turísticas em bairros que à partida são residenciais, e que inviabilizam a concretização de laços comunitários e redes de suporte que, como foi observado nesta investigação, contribuem significativamente para o desenvolvimento e manutenção das relações pessoa-lugar com a Mouraria. Assim, e como referido por vários participantes deste estudo, não é o turismo em si que traz consequências negativas para as populações locais, mas sim a incapacidade (por parte das entidades governativas) (Tulumello & Allegretti, 2021) de controlar as transformações a larga escala que estão a moldar as dinâmicas sociopolíticas da cidade e a implicar-se nos laços pessoa-lugar.

Neste sentido, esta investigação apresenta, ainda, implicações práticas. A vinculação ativa-tradicional apresentada pelos migrantes deste estudo pode ser relevante nas dinâmicas comunitárias, principalmente em bairros com um elevado número de moradores com estilos de vinculação mais tradicionais. Face a alterações no lugar, é necessário compreender que tipo de mecanismos é que as comunidades (e respetivos membros) têm disponíveis para se defender das consequências destas mudanças, que podem ser altamente disruptivas (Ntontis et al., 2018). Na secção final dos resultados (Capítulo IV), um dos extratos apresentados identifica uma certa inatividade por parte de alguns membros da comunidade local, no que diz respeito a práticas de cidadania ativa – visto estarem “ (...) *busy about the daily life*” (Extrato 71). Exposto isto, será importante pensar na complementaridade que diferentes estilos de vinculação ao lugar podem oferecer, e no papel que estas práticas de ativismo do dia-a-dia, protagonizadas por migrantes, podem ter na construção da sua cidadania (Andreouli, 2019), e na conquista de objetivos comunitários. Os resultados apresentados demonstram de forma clara como apesar de muitos migrantes poderem não ser ainda reconhecidos como cidadãos e nacionais de acordo com a lei (Santos et al., 2020), são cidadãos na prática, ao envolverem-se ativamente na resolução de problemas e na melhoria da qualidade de vida das comunidades em que vivem.

Adicionalmente, os resultados deste estudo apontam para o modo como perspetivas essencialistas do lugar (Batel et al., 2015) podem estar associadas à aceitação condicional de novos membros. Este contributo pode ser relevante na medida em que remete para relações de poder alicerçadas no lugar, baseadas na premissa de que há um grupo (superior) que define as normas para um determinado lugar, e outro que tem de cumprir com essas normas (impostas), caso queira usufruir desse lugar (Aramayona & Batel, 2022; Di Masso et al., 2014).

Finalmente, os resultados desta investigação contribuem para o entendimento de como é que mudanças no lugar, resultantes de processos de turistificação, se podem implicar nas

relações pessoa-lugar e nas relações interculturais. Neste estudo verificámos que a falta de recursos (materiais e sociais) associada às consequências da turistificação não só se reflete no modo como as pessoas desenvolvem a sua ligação ao bairro, mas também ao nível das relações intergrupais: por um lado pode levar a um sentido de destino comum, mas por outro potenciar atitudes discriminatórias.

Referências Bibliográficas

- Andreouli, E. (2019). Social psychology and citizenship: A critical perspective. *Social and Personality Psychology Compass*, 13(2). <https://doi.org/10.1111/spc3.12432>
- Anton, C. E., & Lawrence, C. (2014). Home is where the heart is: The effect of place of residence on place attachment and community participation. *Journal of Environmental Psychology*, 40, 451–461. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2014.10.007>
- Aramayona, B., & Batel, S. (2022). The ‘Urban Village’ versus the ‘City for Profit’: Querying NIMBY through a comparative analysis of touristification in Lisbon and Madrid. *OBETS. Revista de Ciencias Sociales* 17(1), 47-62. <https://doi.org/10.14198/OBETS2022.17.1.03>
- Atkinson, R. (2015). Losing One’s Place: Narratives of Neighbourhood Change, Market Injustice and Symbolic Displacement. *Housing, Theory and Society*, 32(4), 373–388. <https://doi.org/10.1080/14036096.2015.1053980>
- Bailey, E., Devine-Wright, P., & Batel, S. (2016). Using a narrative approach to understand place attachments and responses to power line proposals: The importance of life-place trajectories. *Journal of Environmental Psychology*, 48, 200-211. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2016.10.006>
- Bailey, E., Devine-Wright, P., & Batel, S. (2021). Emplacing linked lives: A qualitative approach to understanding the co-evolution of residential mobility and place attachment formation over time. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 31(5), 515-529. <https://doi.org/10.1002/casp.2533>
- Batel, S., Devine-Wright, P., Wold, L., Egeland, H., Jacobsen, G., & Aas, O. (2015). The role of (de-)essentialisation within siting conflicts: An interdisciplinary approach. *Journal of Environmental Psychology*, 44, 149–159. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2015.10.004>
- Baptista, L. V., Nofre, J., & do Rosário Jorge, M. (2018). Mobilidade, Cidade e Turismo: pistas para analisar as transformações em curso no centro histórico de Lisboa. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 14-32. <https://doi.org/10.21747/08723419/soctem2018a>
- Berry, J. W. (2006). Contexts of acculturation. In D. L. Sam & J. W. Berry (Eds), *The Cambridge Handbook of Acculturation Psychology*. Cambridge University Press
- Bettencourt, L., & Castro, P. (2015). Diversity in the maps of a Lisbon neighbourhood: Community and ‘official’ discourses about the renewed Mouraria. *Culture and Local Governance*, 5(1-2), 23-44. <https://doi.org/10.18192/clg-cgl.v5i1-2.1456>
- Bettencourt, L., Castro, P., & Dixon, J. (2021). Can regenerated inner-city areas remain sites of public-place sociability? Psycho-social processes predicting public sociability in a changing neighbourhood. *Journal of Community and Applied Social Psychology*, 31(1), 9–25. <https://doi.org/10.1002/casp.2480>
- Bettencourt, L., Dixon, J., & Castro, P. (2019). Understanding How and Why Spatial Segregation Endures: A Systematic Review of Recent Research on Intergroup Relations at a Micro-Ecological Scale. *Social Psychological Bulletin*, 14(2). <https://doi.org/10.32872/spb.v14i2.33482>
- Bierwiazzonek, K., & Kunst, J. R. (2021). Revisiting the Integration Hypothesis: Correlational and Longitudinal Meta-Analyses Demonstrate the Limited Role of Acculturation for Cross-Cultural Adaptation. *Psychological Science*, 32(9), 1476–1493. <https://doi.org/10.1177/09567976211006432>

- Bierwiazzonek, K., & Waldzus, S. (2016). Socio-Cultural Factors as Antecedents of Cross-Cultural Adaptation in Expatriates, International Students, and Migrants: A Review. In *Journal of Cross-Cultural Psychology* (Vol. 47, Issue 6, pp. 767–817). SAGE Publications Inc. <https://doi.org/10.1177/0022022116644526>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp0630a>
- Büscher, M., & Urry, J. (2009). Mobile methods and the empirical. *European Journal of Social Theory*, 12(1), 99–116. <https://doi.org/10.1177/1368431008099642>
- Câmara Municipal de Lisboa, (2012). O Plano Local para Habitação (PLH) em ação: Relatório da 3º fase.
- Cócola Gant, A. (2016). Holiday rentals: The new gentrification battlefront. *Sociological Research Online*, 21(3). <https://doi.org/10.5153/sro.4071>
- Counted, V. (2016). Making sense of place attachment: Toward a holistic understanding of people-place relationships and experiences. *Environment, Space, Place*, 8(1), 7–32.
- Counted, V., Moustafa, A., & Renzaho, A. (2018). Migration and sociodemographic factors associated with sense of place attitudes among migrants of African background in Northern and Western Netherlands. *Journal of Community Psychology*, 47(2), 238–253. <https://doi.org/10.1002/jcop.22118>
- Cresswell, T. (2006). *On the move: Mobility in the modern western world*. Taylor & Francis.
- Daly, P., Dias, Á., & Patuleia, M. (2021). The impacts of tourism on cultural identity on Lisbon historic neighbourhoods. *Journal of Ethnic and Cultural Studies*, 8(1), 1–25. <https://doi.org/10.29333/ejecs/516>
- Davidson, M., & Lees, L. (2005). New-build “gentrification” and London’s riverside renaissance. *Environment and Planning A*, 37(7), 1165–1190. <https://doi.org/10.1068/a3739>
- Di Masso, A., Castrechini, A., & Valera, S. (2014). Displacing xeno-racism: The discursive legitimation of native supremacy through everyday accounts of “urban insecurity.” *Discourse and Society*, 25(3), 341–361. <https://doi.org/10.1177/0957926513519531>
- Di Masso, A., Dixon, J., & Hernández, B. (2017). *Place Attachment, Sense of Belonging and the Micro-Politics of Place Satisfaction* (pp. 85–104). https://doi.org/10.1007/978-3-319-31416-7_5
- Di Masso, A., Williams, D. R., Raymond, C. M., Buchecker, M., Degenhardt, B., Devine-Wright, P., Hertzog, A., Lewicka, M., Manzo, L., Shahrada, A., Stedman, R., Verbrugge, L., & von Wirth, T. (2019). Between fixities and flows: Navigating place attachments in an increasingly mobile world. *Journal of Environmental Psychology*, 61, 125–133. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2019.01.006>
- Diaz-Parra, I., & Jover, J. (2021). Overtourism, place alienation and the right to the city: insights from the historic centre of Seville, Spain. *Journal of Sustainable Tourism*, 29(2–3), 158–175. <https://doi.org/10.1080/09669582.2020.1717504>
- Dixon, J., & Durrheim, K. (2000). Displacing place-identity: A discursive approach to locating self and other. In *British Journal of Social Psychology* (Vol. 39).
- Dixon, J., & Durrheim, K. (2003). Contact and the ecology of racial division: Some varieties of informal segregation. In *British Journal of Social Psychology* (Vol. 42, Issue 1, pp. 1–23). <https://doi.org/10.1348/014466603763276090>
- Dovidio, J. F., Hewstone, M., Glick, P., & Esses, V. M. (2010). Prejudice, stereotyping and discrimination: Theoretical and empirical overview. *Prejudice, stereotyping and discrimination*, (pp. 3–28). SAGE.
- Ellemers, N., Barreto, M., (2009). Collective Action in Modern Times: How Modern Expressions of Prejudice Prevent Collective Action. In *Journal of Social Issues* (Vol. 65, Issue 4).

- Epule, T. E., Peng, C., & Lepage, L. (2015). Environmental refugees in sub-Saharan Africa: a review of perspectives on the trends, causes, challenges and way forward. In *GeoJournal* (Vol. 80, Issue 1, pp. 79–92). Kluwer Academic Publishers.
<https://doi.org/10.1007/s10708-014-9528-z>
- Evans, J., & Jones, P. (2011). The walking interview: Methodology, mobility and place. *Applied Geography*, 31(2), 849–858. <https://doi.org/10.1016/j.apgeog.2010.09.005>
- Feldman, R. M. (1990). Settlement-identity: Psychological Bonds with Home Places in a Mobile Society. *Environment and Behavior*, 22(2), 183–229.
<https://doi.org/10.1177/0013916590222002>
- Flick, U., Hirsland, A., & Hans, B. (2019). Walking and Talking Integration: Triangulation of Data From Interviews and Go-Alongs for Exploring Immigrant Welfare Recipients’ Sense(s) of Belonging. *Qualitative Inquiry*, 25(8), 799–810.
<https://doi.org/10.1177/1077800418809515>
- Fonseca, M. L., & McGarrigle, J. (2013). Modes of neighbourhood embeddedness in three multi-ethnic neighbourhoods in Lisbon. An exploratory analysis. *Finisterra*, 48(96).
- Fullilove, M. T. (2020). Revisiting “The Frayed Knot”: What happens to place attachment in the context of serial forced displacement? In L. C. Manzo & P. Devine-Wright (Eds.), *Place attachment: Advances in theory, methods and applications* (2^a ed., pp. 177-192). Routledge.
- Fussey, P., Coaffee, J., Armstrong, G., & Hobbs, D. (2012). The regeneration games: Purity and security in the Olympic city. *British Journal of Sociology*, 63(2), 260–284.
<https://doi.org/10.1111/j.1468-4446.2012.01409.x>
- Gelman, S. A. (2003). *The essential child: Origins of essentialism in everyday thought*. Oxford Cognitive Development.
- Gillespie, J., Cosgrave, C., Malatzky, C., & Carden, C. (2022). Sense of place, place attachment, and belonging-in-place in empirical research: A scoping review for rural health workforce research. *Health & Place*, 74, 102756.
<https://doi.org/10.1016/j.healthplace.2022.102756>
- Gonzalez, S., & Waley, P. (2013). Traditional retail markets: The new gentrification frontier? *Antipode*, 45(4), 965–983. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8330.2012.01040.x>
- Harvey, D. (2006). *Spaces of global capitalism*. Verso.
- Heine, S. (2016). *Cultural Psychology* (3rd ed.). WW Norton & Company
- Hernández, B., Hidalgo, M. C., & Ruiz, C. (2021). Theoretical and methodological aspects of research on place attachment. In L. C. Manzo & P. Devine-Wright (Eds.), *Place attachment: Advances in theory, methods and applications* (2^a ed., pp. 95-110). Routledge.
- Hickman, M. J., & Mai, N. (2015). Migration and Social Cohesion: Appraising the Resilience of Place in London. *Population, Space and Place*, 21(5), 421–432.
<https://doi.org/10.1002/psp.1921>
- International Organization for Migrations (2022). World Migration Report 2022. IOM.
<https://worldmigrationreport.iom.int/wmr-2022-interactive/>
- Jones, P., Bunce, G., Evans, J., Gibbs, H., & Ricketts Hein, J. (2008). Exploring space and place with walking interviews. In *Canada Journal of Research Practice Journal of Research Practice* (Vol. 4, Issue 2). AU Press.
<http://jrp.icaap.org/index.php/jrp/article/view/150/161>
- Jovchelovitch, S., & Bauer, M. W. (2000). Narrative interviewing. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Eds.), *Qualitative researching with text, image and sound*, (pp. 57-74). SAGE
- Kashima, Y., & Gelfand, M. J. (2021) Culture and intergroup relations. In P. A. M. Van Lange, E. T. Higgins & A. W. Kruglanski (Eds.), *Social Psychology: Handbook of Basic Principles*, (3rd Ed., pp. 473-498). Guilford.

- Kim, M. (2021). Plural and fluid place attachment amid tourism-induced neighborhood change in a disadvantaged neighborhood in South Korea. *Geoforum*, *121*, 129–137. <https://doi.org/10.1016/j.geoforum.2020.12.017>
- Kohlbacher, J., Reeger, U., & Schnell, P. (2015). Place attachment and social ties – migrants and natives in three urban settings in Vienna. *Population, Space and Place*, *21*(5), 446–462. <https://doi.org/10.1002/psp.1923>
- Lees, L., & Ferreri, M. (2016). Resisting gentrification on its final frontiers: Learning from the Heygate Estate in London (1974–2013). *Cities*, *57*, 14–24.
- Levitt, H. M., Bamberg, M., Creswell, J. W., Frost, D. M., Josselson, R., & Suárez-Orozco, C. (2018). Journal article reporting standards for qualitative primary, qualitative meta-analytic, and mixed methods research in psychology: The APA publications and communications board task force report. *American Psychologist*, *73*(1), 26–46. <https://doi.org/10.1037/amp0000151>
- Lewicka, M. (2011a). Place attachment: How far have we come in the last 40 years? In *Journal of Environmental Psychology* (Vol. 31, Issue 3, pp. 207–230). <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2010.10.001>
- Lewicka, M. (2011b). On the varieties of people’s relationships with places: Hummon’s typology revisited. *Environment and Behavior*, *43*(5), 676–709. <https://doi.org/10.1177/0013916510364917>
- Lewicka, M. (2013). Localism and Activity as two dimensions of people-place bonding: The role of cultural capital. *Journal of Environmental Psychology*, *36*, 43–53. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2013.07.002>
- Lewicka, M. (2021). In search of roots: Restoring continuity in a mobile world. In L. C. Manzo & P. Devine-Wright (Eds.), *Place attachment: Advances in theory, methods and applications* (2^a ed., pp. 61–76). Routledge.
- Lewicka, M., Rowiński, K., Iwańczak, B., Bałaj, B., Kula, A. M., Oleksy, T., Prusik, M., Toruńczyk-Ruiz, S., & Wnuk, A. (2019). On the essentialism of places: Between conservative and progressive meanings. *Journal of Environmental Psychology*, *65*. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2019.101318>
- Low, S., & Altman, I. (1992). Place attachment: A conceptual inquiry. In I. Altman & S. M. Low (Eds.), *Place attachment* (pp. 1–12). Springer.
- Malheiros, J., Carvalho, R., & Mendes, L. (2012). Etnicização residencial e nobilitação urbana marginal: processo de ajustamento ou prática emancipatória num bairro do centro histórico de Lisboa?. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, (1), 97–128.
- Malheiros, J., Carvalho, R., & Mendes, L. (2013). Gentrification, residential ethnicization and the social production of fragmented space in two multi-ethnic neighbourhoods of Lisbon and Bilbao. *Finisterra*, *48*(96).
- Manzo, L. C. (2005). For better or worse: Exploring multiple dimensions of place meaning. *Journal of Environmental Psychology*, *25*(1), 67–86. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2005.01.002>
- Mendes, M. M. (2012). Bairro da Mouraria, território de diversidade: entre a tradição e o cosmopolitismo. *Sociologia*, (temático: Imigração, Diversidade e Convivência Cultural), 15–41.
- Mendes, L. (2017). Gentrificação turística em Lisboa: neoliberalismo, financeirização e urbanismo austeritário em tempos de pós-crise capitalista 2008–2009. *Cadernos Metrópole*, *19*(39), 479–512. <https://doi.org/10.1590/2236-9996.2017-3906>
- Mihaylov, N. L., Perkins, D. D., & Stedman, R. C. (2021). Community responses to environmental threat: Place cognition, attachment, and social action. In L. C. Manzo & P.

- Devine-Wright (Eds.), *Place attachment: Advances in theory, methods and applications* (2^a ed., pp. 160-176). Routledge.
- Movimento Jardim Martim Moniz (2019) *Petição por um jardim no Martim Moniz*. <https://www.am-lisboa.pt/documentos/1557265766A0yUU7sg7Mr66QN8.pdf>
- Neal, S., Mohan, G., Cochrane, A., & Bennett, K. (2016). ‘You can’t move in Hackney without bumping into an anthropologist’: why certain places attract research attention. *Qualitative Research*, 16(5), 491–507. <https://doi.org/10.1177/1468794115596217>
- Nofre, J., Sánchez-Fuarros, Í., Carlos Martins, J., Pereira, P., Soares, I., Malet-Calvo, D., Geraldés, M., & López Díaz, A. (2017). Exploring Nightlife and Urban Change in Bairro Alto, Lisbon1. *City and Community*, 16(3), 330–344. <https://doi.org/10.1111/cico.12248>
- Ntontis, E., Drury, J., Amlôt, R., Rubin, G. J., & Williams, R. (2018). Emergent social identities in a flood: Implications for community psychosocial resilience. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 28(1), 3-14. <https://doi.org/10.1002/casp.2329>
- Paiva, D., & Sánchez-Fuarros, I. (2021). The territoriality of atmosphere: Rethinking affective urbanism through the collateral atmospheres of Lisbon’s tourism. *Transactions of the Institute of British Geographers*, 46(2), 392–405. <https://doi.org/10.1111/tran.12425>
- Patterson, M. L., Markey, M. A., & Somers, J. M. (2012). *Article Multiple Paths to Just Ends: Using Narrative Interviews and Timelines to Explore Health Equity and Homelessness*. Adjunct Professor & Scientist.
- Pavel, F. (2016, July). El Bairro Alto en Lisboa entre gentrificación, turistificación y derechos de la población. In *Madrid, ponencia presentada en el Congreso Internacional Contested Cities*.
- Raymond, C. M., Brown, G., & Weber, D. (2010). The measurement of place attachment: Personal, community, and environmental connections. *Journal of Environmental Psychology*, 30(4), 422–434. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2010.08.002>
- Rishbeth, C. (2021). Articulating transnational attachments through on-site narratives and collaborative creative processes. In L. C. Manzo & P. Devine-Wright (Eds.), *Place attachment: Advances in theory, methods and applications* (2^a ed., pp. 127-142). Routledge.
- Rishbeth, C., & Powell, M. (2013). Place Attachment and Memory: Landscapes of Belonging as Experienced Post-migration. *Landscape Research*, 38(2), 160–178. <https://doi.org/10.1080/01426397.2011.642344>
- Ropert, T., & di Masso, A. (2021). Living There, Leaving There: Identity, Sociospatial Mobility, and Exclusion in “Stigmatized Neighborhoods.” *Political Psychology*, 42(1), 53–69. <https://doi.org/10.1111/pops.12682>
- Santos, N., & Oliveira Moreira, C. (2021). Uncertainty and expectations in Portugal’s tourism activities. Impacts of COVID-19. *Research in Globalization*, 3. <https://doi.org/10.1016/j.resglo.2021.100071>
- Santos, T. R., Castro, P., & Guerra, R. (2020). Is the press presenting (Neoliberal) foreign residency laws in a depoliticised way? the case of investment visas and the reconfiguring of citizenship. *Journal of Social and Political Psychology*, 8(2), 748–766. <https://doi.org/10.5964/jspp.v8i2.1298>
- Scannell, L., & Gifford, R. (2010). Defining place attachment: A tripartite organizing framework. *Journal of Environmental Psychology*, 30(1), 1–10. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2009.09.006>
- Seamon, D. (2018). Merleau-Ponty, lived body, and place. In T. Hünefeldt, & A. Schlitte (Eds.), *Situatedness and Place* (pp. 41–79). Cham, Switzerland: Springer.
- Seamon, D. (2021). Place attachment and phenomenology: The dynamic complexity of place. In L. C. Manzo & P. Devine-Wright (Eds.), *Place attachment: Advances in theory, methods and applications* (2^a ed., pp. 29-44). Routledge.

- Sequera, J., & Nofre, J. (2018). New debates on touristification and the limits of gentrification. Shaken, not stirred. *City*, 22(5-6), 843-855. <https://doi.org/10.1080/13604813.2018.1548819>
- Sequera, J., & Nofre, J. (2019). Touristification, transnational gentrification and urban change in Lisbon: The neighbourhood of Alfama. *Urban Studies*, 57(15), 3169-3189. <https://doi.org/10.1177/0042098019883734>
- Sheller, M., & Urry, J. (2006). The new mobilities paradigm. *Environment and Planning A*, 38(2), 207–226. <https://doi.org/10.1068/a37268>
- Smeeke, A., & Verkuyten, M. (2014). When national culture is disrupted: Cultural continuity and resistance to Muslim immigrants. *Group Processes and Intergroup Relations*, 17(1), 45–66. <https://doi.org/10.1177/1368430213486208>
- Sue, D. W. (2010). *Microaggressions in everyday life: Race, gender, and sexual orientation*. John Wiley & Sons.
- Tejera, F. P. (2012). Differences between users of six public parks in Barcelona depending on the level of perceived safety in the neighborhood. *Athena Digital*, 12(1), 55–66.
- Terry, G., Hayfield, N., Clarke, V., & Braun, V. (2017). Thematic Analysis. In *The SAGE Handbook of Qualitative Research in Psychology* (pp. 17–36). SAGE Publications Ltd. <https://doi.org/10.4135/9781526405555.n2>
- Toruńczyk-Ruiz, S., & Lewicka, M. (2016). Perceived social diversity and neighbourhood attachment: The role of intergroup ties and affective appraisals of the environment. Evidence from Poland. *European Journal of Social Psychology*, 46(7), 818–832. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2209>
- Tulumello, S., & Allegretti, G. (2021). Articulating urban change in Southern Europe: Gentrification, touristification and financialisation in Mouraria, Lisbon. *European Urban and Regional Studies*, 28(2), 111–132. <https://doi.org/10.1177/0969776420963381>
- Twigger-Ross, C. L., & Uzzell, D. L. (1996). Place and identity processes. *Journal of Environmental Psychology*, 16, 205-220.
- United Nations High Commissioner for Refugees (2021). Refugee Data Finder. UNHCR. Retirado a 26 de março de 2022 de: <https://www.unhcr.org/refugee-statistics/>
- Valentim, J. P., & Heleno, A. M. (2018). Luso-tropicalism as a social representation in Portuguese society: Variations and anchoring. *International Journal of Intercultural Relations*, 62, 34–42. <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2017.04.013>
- Valli, C. (2016). A Sense of Displacement: Long-time Residents' Feelings of Displacement in Gentrifying Bushwick, New York. *International Journal of Urban and Regional Research*, 39(6), 1191–1208. <https://doi.org/10.1111/1468-2427.12340>
- Ward, C., Fox, S., Wilson, J., Stuart, J., & Kus, L. (2010). Contextual influences on acculturation processes: The roles of family, community and society. *Psychological Studies*, 55(1), 26–34. <https://doi.org/10.1007/s12646-010-0003-8>
- Williams, R., & Drury, J. (2009). Psychosocial resilience and its influence on managing mass emergencies and disasters. *Psychiatry*, 8, 293–296. <https://doi.org/10.1016/j.mppsy.2009.04.019>
- Wnuk, A., Oleksy, T., Toruńczyk-Ruiz, S., & Lewicka, M. (2021). The way we perceive a place implies who can live there: Essentialisation of place and attitudes towards diversity. *Journal of Environmental Psychology*, 75. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2021.101600>
- Yin, R. K. (2013). Validity and generalization in future case study evaluations. *Evaluation*, 19(3), 321–332. <https://doi.org/10.1177/1356389013497081>
- Zukin, S. (2010). *Naked city: The death and life of authentic urban places*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oso/9780195382853.001.0>

Anexos

Anexo A - Guião da Entrevista (português)

Examnent Topics (Jovchelovitch & Bauer, 2000) - Narrative Interview

- Trajetórias de vida/ mobilidade (Bailey et al., 2016; Di Masso et al., 2019)
- Relação com o bairro da Mouraria - vinculação ao lugar através de pistas que remetam para o seu percurso individual, para os processos psicológicos (cognitivos, emocionais e comportamentais) associados ao bairro, e para o lugar em si, tanto a nível físico como social (Scannell & Gifford, 2010).
- Estilos de vinculação e perceções essencialistas do lugar (Lewicka, 2011b; Wnuk et al., 2021)
- Implicações da turistificação a nível das relações intergrupais – sentido de comunidade e destino comum (Ntontis et al., 2018).

Blocos	Objetivo	Possíveis questões*
1. Iniciação	a) Cumprimento inicial, apresentação do entrevistador; b) permissão para gravar a entrevista e consentimento informado; c) informar sobre os objetivos do estudo, formato e duração da entrevista; d) apresentação do participante: - Perguntas sociodemográficas.	d) Idade Nacionalidade Género <i>Há quantos anos vive na Mouraria?</i>
2. Narrativa Principal (num lugar específico, à escolha do participante)	Compreender a trajetória de vida do participante e as suas práticas de mobilidade.	<i>Pode falar-me um pouco do seu percurso de vida, considerando os diferentes lugares em que tem vivido ou que tenham, de algum modo, significado para si?</i>
3. Fase das questões (em andamento, por um percurso escolhido pelo participante – o percurso será gravado)	<i>Examnent Topics</i> (explorar): a) relação com o bairro; b) perceções e tipo de vinculação com lugar; (modificações no bairro e impacto das mesmas na	<i>a) Como é, para si, viver neste bairro? Pode falar-me um pouco da sua vida quotidiana na Mouraria.</i> • <i>Pode invocar memórias, levar-me a locais significativos ou até mesmo falar-</i>

	<p>relação com o bairro - turistificação);</p> <p>c) relações intergrupais, vida em comunidade.</p>	<p><i>me das pessoas do bairro.</i></p> <p>b) Como é que descreve a Mouraria?</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Pode descrever-me o bairro e falar-me sobre aquilo que o mesmo representa para si?</i> • <i>Pode falar-me sobre o modo como vê a Mouraria e que significado tem para si? (caso tenha)</i> • <i>Sente-se ligado/a a este bairro? Se sim, pode descrever-me essa ligação?</i> • <i>Gosta de viver aqui? Pode falar-me sobre os pontos positivos e negativos de viver na Mouraria?</i> • <i>Pode falar-me um pouco sobre mudanças que ocorreram no bairro ao longo do tempo?</i> • <i>Sente que estas mudanças ou diferenças afetaram a sua vida e o modo como se relaciona com este lugar? De que modo?</i> <p>c) Pode falar-me sobre as pessoas que vivem na Mouraria, ou que frequentam o bairro?</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Pode descrever-me a sua relação com elas?</i>
--	---	---

		<ul style="list-style-type: none"> • <i>Sente que está envolvido/a na comunidade local? De que modo?</i> • <i>O que acha sobre o turismo em Lisboa e aqui na Mouraria? Acha que todas os residentes pensam da mesma/ dessa forma em relação ao turismo aqui?</i>
4. Conversa Final	<p>a) verificar se o informador tenciona acrescentar algo, ou fornecer informações adicionais;</p> <p>b) clarificar questões que possam surgir;</p> <p>c) agradecer a participação e informar sobre a possibilidade de obter informações mais detalhadas assim que o estudo estiver concluído.</p>	<p><i>a) Há mais alguma informação que gostasse de partilhar?</i></p> <p><i>b) Ficou com alguma dúvida ou questão que possa ajudar a esclarecer?</i></p> <p><i>Muito obrigada pela sua participação!</i></p>

*As questões devem ser adaptadas ao estilo de comunicação utilizado pelo participante (examnent topics – immanent questions) (Jovchelovitch & Bauer, 2000).

Anexo B – consentimento informado (português)

O presente estudo surge no âmbito de uma dissertação do mestrado de Psicologia Social e das Organizações, a decorrer no **Iscte – Instituto Universitário de Lisboa**.

O estudo tem por objetivo explorar as relações entre as pessoas e os lugares em que vivem e como diferentes pessoas e grupos se relacionam entre si num contexto multicultural, considerando aspetos como a migração e o aumento do turismo. A sua participação no estudo, que será muito valorizada, irá contribuir para um avanço neste domínio do conhecimento, e consiste em participar numa entrevista, com a duração de cerca de uma hora, na qual percorreremos um percurso à sua escolha, pelo bairro da Mouraria. O áudio da entrevista será gravado para que a mesma possa ser transcrita e, posteriormente analisada. O percurso será também gravado, recorrendo à técnica de GPS.

O Iscte é o responsável pelo tratamento dos seus dados pessoais, recolhidos e tratados exclusivamente para as finalidades do estudo, tendo como base legal o seu consentimento (art. 6º, nº1, alínea a) do Regulamento Geral de Proteção de Dados).

O estudo é realizado por Maria Alba (mmfab@iscte-iul.pt), sob orientação da Professora Doutora Susana Batel (susana.batel@iscte-iul.pt), que poderá contactar caso pretenda esclarecer uma dúvida, partilhar algum comentário ou exercer os seus direitos relativos ao tratamento dos seus dados pessoais. Poderá utilizar o contacto indicado para solicitar o acesso, a retificação, o apagamento ou a limitação do tratamento dos seus dados pessoais.

A participação neste estudo é **confidencial**. Os seus dados pessoais serão sempre tratados por pessoal autorizado vinculado ao dever de sigilo e confidencialidade. O Iscte garante a utilização das técnicas, medidas organizativas e de segurança adequadas para proteger as informações pessoais. É exigido a todos os investigadores que mantenham os dados pessoais confidenciais.

Além de confidencial, a participação no estudo é estritamente **voluntária**: pode escolher livremente participar ou não participar. Se tiver escolhido participar, pode interromper a participação e retirar o consentimento para o tratamento dos seus dados pessoais em qualquer momento, sem ter de prestar qualquer justificação. A retirada de consentimento não afeta a legalidade dos tratamentos anteriormente efetuados com base no consentimento prestado.

Os seus dados pessoais serão conservados por um período de, no máximo, 12 meses, após o qual serão destruídos ou anonimizados, garantindo-se o seu anonimato nos resultados do estudo, apenas divulgados para efeitos estatísticos, de ensino, comunicação em encontros ou publicações científicas.

Não existem riscos significativos expectáveis associados à participação no estudo. No entanto, ser-lhe-á facultado o contacto de uma associação que oferece serviços de apoio psicológico, caso sinta algum desconforto no final da entrevista.

O Iscte não divulga ou partilha com terceiros a informação relativa aos seus dados pessoais. O Iscte tem um Encarregado de Proteção de Dados, contactável através do email dpo@iscte-iul.pt. Caso considere necessário tem ainda o direito de apresentar reclamação à autoridade de controlo competente – Comissão Nacional de Proteção de Dados.

Declaro ter compreendido os objetivos de quanto me foi proposto e explicado pela investigadora, ter-me sido dada oportunidade de fazer todas as perguntas sobre o presente estudo e para todas elas ter obtido resposta esclarecedora. Aceito participar no estudo e consinto que os meus dados pessoais sejam utilizados de acordo com as informações que me foram disponibilizadas.

Sim o Não o

_____ (local), ____/____/____ (data)

Nome: _____

Assinatura: _____